

# Tudo o Que Sempre Quis Saber sobre a Batata-doce

Manual de Capacitação da CdF - Alcançando os Agentes de Mudança



## VOLUME 6

Tópico 11: Aspectos de Género e Diversidade

Tópico 12: Monitoria da Disseminação e Consumo da BDPA



JUNHO 2013

## **Tudo o Que Sempre Quis Saber Sobre a Batata-doce**

Manual de CdF - Alcançando Agentes de Mudança

© CIP - Centro Internacional da Batata, Nairobi, Quénia, 2013

**ISBN:** 978-92-9060-428-0

**DOI:** 10.4160/9789290604280.v6

As publicações do CIP contribuem com informação importante para o público em geral. Os leitores são encorajados a citar ou reproduzir o material do CIP nas suas próprias publicações. Como proprietário dos direitos de autor, o CIP exige o reconhecimento e uma cópia da publicação na qual o material aparece. Por favor envie uma cópia para o Departamento de Consciencialização Pública e Comunicação no endereço que se segue.

Centro Internacional da Batata  
P.O. Box 1558, Lima 12, Peru  
cip@cgiar.org • www.cipotato.org

Produzido pelo Escritório Regional da África Subsaariana (SSA) do CIP, Nairobi

### **Citação correcta para o volume 6:**

Stathers, T. David, S., Low, J., Mulongo, G., Mbabu, A. (2013).

*Tudo o Que Sempre Quis Saber Sobre a Batata-doce*: Manual de CdF - Alcançando Agentes de Mudança. 6: Aspectos de género e diversidade, Monitoria da disseminação e consumo da batata-doce de polpa alaranjada. Centro Internacional da Batata, Nairobi, Quénia. vol.6.

### **Coordenador da Produção**

Hilda Munyua

### **Desenho e Layout**

Tanya Stathers  
Movin Were, Desenhos Animados  
Departamento de Consciencialização Pública e Comunicação, Capas

### **Tradução de Inglês para português**

Angela Remane, Jerónimo Ribeiro e Eunice Cavane

### **Edição Técnica da Tradução para Português**

Angela Remane

### **Impressão**

Straight Jacket Media Ltd. (Nairobi, Quénia)

Tiragem: 100  
Fevereiro 2015



## Preâmbulo

Nas últimas décadas, o interesse pela batata-doce na África Sub-Sahariana tem estado a crescer, o número de projectos que utilizam a batata-doce está a aumentar, e como consequência a procura de capacitação para produtores e praticantes na área de desenvolvimento também está a aumentar. Os cientistas na área da batata-doce, que trabalham no Centro Internacional da Batata e nos centros nacionais de investigação, são frequentemente solicitados para oferecer programas de capacitação. As sessões de capacitação têm durado entre 1 e 3 dias e têm sido feitas com base em materiais didáticos que naquele exacto momento podem, rapidamente, ser reunidos. Os problemas inerentes a esta maneira de oferecer programas de capacitação foram identificados, mas na altura não existiam recursos para resolvê-los.

Em 2011, o financiamento do projecto “Alcançando os Agentes de Mudança (RAC, *Reaching Agents of Change*)” veio mudar a situação. O projecto RAC, que é implementado em conjunto pelo Centro Internacional da Batata (CIP) e Helen Keller Internacional (HKI), procura empoderar os apoiantes ou defensores da Batata-doce de Polpa Alaranjada (BDPA/OFSP, *Orange Fleshed Sweetpotato*) para que tenham sucesso na consciencialização sobre a Batata-doce de Polpa Alaranjada e para que sejam capazes de mobilizar recursos para projectos da Batata-doce de Polpa Alaranjada.

O projecto RAC também procura capacitar a extensão pública e o pessoal das organizações não governamentais para que efectivamente implementem os projectos financiados para promover a disseminação e uso apropriado da Batata-Doce de Polpa Alaranjada rica em Vitamina A.

O objectivo final é ver criada uma capacidade sustentável para a capacitação de pessoal senior de extensão sobre os últimos desenvolvimentos na área da produção e utilização da batata-doce em cada uma das maiores sub-regiões da África Subsaariana: África Central e África Oriental, Sul de África e África Ocidental.

Por isso, o CIP identificou instituições locais para trabalharem em Moçambique, Tanzania, e Nigéria para acolher um curso anual intitulado: “*Tudo o que sempre quis saber sobre a batata-doce*”

Durante o primeiro ciclo deste curso, os cientistas do CIP trabalharão em estreita colaboração com os cientistas nacionais na implementação do curso. No segundo ciclo os cientistas nacionais tomarão a liderança das actividades de capacitação e gestão do curso com o apoio do pessoal do CIP. Nos anos subsequentes, esperamos que o curso seja completamente auto-suficiente com base na recuperação de custos.

No desenvolvimento dos conteúdos do curso, a Dra. Tanya Stathers, uma colaboradora do CIP há muitos anos, do Instituto de Recursos Naturais da Universidade de Greenwich, liderou a revisão dos materiais de capacitação existentes, adicionou novos conhecimentos de cientistas e praticantes da batata-doce, e concebeu o curso com uma grande ênfase no aprender-fazendo (*learning-by-doing*). A Dra. Stathers colaborou anteriormente com o CIP, com cientistas da batata-doce da Organização Nacional de Investigação Agrária de Uganda (NARO), e com a Instituição Global de Controlo Integrado de Pragas (IPM) da FAO no Quénia num projecto que, em 2005, desenvolveu um manual abrangente de batata-doce IPPM para a Escola na Machamba do Camponês para a África Subsaariana.

No desenvolvimento do curso, a Dra. Stathers consultou o pessoal do CIP (Robert Mwanga, Ted Carey, Jan Low, Maria Andrade, Margaret McEwan, Jude Njoku, Sam Namanda, Sammy Agili, Jonathan Mkumbira, Joyce Malinga, Godfrey Mulongo) e nutricionistas da HKI (Margaret Benjamin, Heather Katcher, Jessica Blankenship) e uma especialista de género da HKI (Sonii David) assim como os seus colegas do NRI (Richard Gibson, Aurelie Bechoff, Keith Tomlins). Ela adaptou o material da capacitação do projecto Disseminação de Novas Tecnologias Agrícolas em África (DONATA, *Dissemination of New Agricultural Technologies in Africa*), o projecto Alcance dos Utilizadores Finais (*Reaching End Users*) e muitos outros. Depois de realizar o curso e usar o manual em 2012, foi feita uma revisão e o manual e o curso foram subsequentemente actualizados para ir ao alcance das

necessidades dos facilitadores e participantes, e foi criado um conjunto padrão/standard de apresentações em *power point*. A Dra. Stathers fez um enorme trabalho, e nós apreciamos profundamente o seu compromisso com a produção deste manual de elevada qualidade.

O nível deste curso é para o pessoal senior de extensão ou líderes de organizações de produtores que depois irão treinar os outros. Pensamos que o curso será anualmente melhorado à medida que novos conhecimentos são incorporados e o curso é ajustado com base na retro-alimentação fornecida pelos participantes do curso.

O curso *"Tudo o que sempre quis saber sobre a batata-doce"* irá nos ajudar a alcançar os objectivos principais da Iniciativa Batata-doce para Rentabilidade e Saúde (SPHI). A SPHI foi lançada em Outubro de 2009 e procura melhorar a vida de 10 milhões de famílias na região da África Sub-Sahariana em 16 países até o ano 2020 através da diversificação no uso das variedades melhoradas da batata-doce.



Jan W. Low, Líder da Iniciativa da Batata-doce para Rentabilidade e Saúde (SPHI, *Sweet potato for Profit and Health Initiative*), Centro Internacional da Batata (*International Potato Center*)

Junho 2013

## Agradecimentos

Este manual e os respectivos materiais de apoio foram preparados por Tanya Stathers em estreita colaboração com Jan Low. Tanya trabalhou com as seguintes pessoas sobre os diferentes tópicos: Tópico 2: Jan Low; Tópico 3: Ted Carey, Robert Mwanga, Jude Njoku, Silver Tumwegamire, Joyce Malinga, Maria Andrade; Tópico 4: Margaret Benjamin, Heather Katcher, Jessica Blakenship, Jan Low; Tópico 5: Margaret McEwan, Richard Gibson, Robert Mwanga, Ted Carey, Sam Namanda, Erna Abidin, Jan Low, Joyce Malinga, Sammy Agili, Maria Andrade, Jonathan Mkumbira; Tópico 6: Ted Carey, Robert Mwanga, Jude Njoku, Joyce Malinga; Tópico 7: Richard Gibson, Sam Namanda; Tópico 8: Aurelie Bechoff, Kirimi Sindi; Tópico 9: Aurelie Bechoff, Kirimi Sindi; Tópico 10: Jan Low, Kirimi Sindi, Daniel Ndyetabula; Tópico 11: Sonii David; Tópico 12: Jan Low, Godfrey Mulongo, Adiel Mbabu; Tópico 13: Jan Low, Hilda Munyua, Adiel Mbabu e Frank Ojwang providenciaram um valioso apoio ao longo do processo.

Esta equipa compartilhou a sua grande experiência de trabalho com sistemas de batata-doce e processos de aprendizagem na agricultura na África Sub-Sahariana para compilar este recurso sobre *“Tudo o que sempre quis saber sobre a batata-doce”*. Nenhuma destas experiências poderia ter sido ganha sem a parceria com muitos produtores de batata-doce e outros intervenientes (extensionistas, investigadores nacionais, comerciantes, transportadores, pessoal das ONGs, nutricionistas, imprensa e doadores) na região. Estamos gratos, e esperamos que este recurso sirva de suporte para as suas actividades relativas a batata-doce.

As fotografias usadas neste manual provêm de vários lugares e agradecemos a Margaret McEwan, Jan Low, Richard Gibson, Erna Abidin, Aurelie Bechoff, Keith Tomlins, Sam Namanda, J. O’Sullivan, Gabriela Burgos, Tanya Stathers, Olasanmi Bunmi, Benson Ijeoma, Grant Lee Neurenberg, Sammy Agili, o falecido Constance Owori, Ted Carey, Robert Mwanga, Ana Panta, Kirimi Sindi, Frank Ojwang, arquivo digital do CIP, G. Holmes, B. Edmunds, and Nicole Smit por terem sido gentis em partilhá-las. A maior parte dos desenhos animados usados neste manual foram desenhados por Movin Were.

A tradução para português deste manual foi feita por: Eng. Jerónimo Ribeiro, Doutora Eunice Cavane, Eng. Bruno Araújo, Eng<sup>a</sup>. Angela Remane, Doutor Domingos Cugala, Eng<sup>a</sup>. Luisa Penicela, Eng. Amândio Muthambe, Eng<sup>a</sup>. Lourena Arone e Eng<sup>a</sup>. Laura José.

Este manual foi produzido como parte do projecto “Alcançando os Agentes de Mudança (RAC) ” financiado pela fundação Bill e Melinda Gates.

Este manual deve ser citado da seguinte maneira:

Stathers, T., Low, J., Mwanga, R., Carey, T., David, S., Gibson, R., Namanda, S., McEwan, M., Bechoff, A., Malinga, J., Benjamin, M., Katcher, H., Blakenship, J., Andrade, M., Agili, S., Njoku, J., Sindi, K., Mulongo, G., Tumwegamire, S., Abidin, E., Mbabu, A. (2013). *Tudo o Que Sempre Quis Saber Sobre a Batata-doce*: Manual de capacitação CdF - Alcançando Agentes de Mudança. Centro Internacional da Batata, Nairobi, Quênia. 7 vols. xi, 436 p.

## Designações e abreviaturas

Ais/CAS	<i>Adequate Intakes/ Consumos Adequados</i>
AVRDC	<i>The World Vegetable Centre, O Centro Internacional de Hortícolas/Vegetais</i>
CBO/OBC	<i>Community Based Organisation, Organização Baseada na Comunidade (Organização Comunitária)</i>
CIP	<i>International Potato Center, Centro Internacional da Batata</i>
DAP/ddp	<i>Days After Planting, dias depois da plantação</i>
DFE/EDF	<i>Dietary Folate Equivalents, Equivalentes Dietéticos de Folato</i>
DONATA	<i>Dissemination of New Agricultural Technologies in Africa, Disseminação das Novas Tecnologias Agrícolas em África</i>
DVM/MRD	<i>Decentralised Vine Multipliers, Multiplicadores de Ramas Descentralizados</i>
Dwb/bps	<i>Dry weight basis, Base do Peso Seco</i>
FAO	<i>Food and Agriculture Organisation, Organização para Agricultura e Alimentação</i>
FW/pf	<i>Fresh Weight, Peso Fresco</i>
HH/AF	<i>Household, Agregado Familiar</i>
HKI	<i>Helen Keller International, Helen Keller Internacional</i>
IBPGR	<i>Bioversity International</i>
IPM/MIP	<i>Integrated Pest Management, Manejamento ou Gestão Integrada de Pestes</i>
IPPM/MIPP	<i>Integrated Pest &amp; Production Management, Manejamento ou Gestão Integrada de Pestes e Produção</i>
K	Potássio
LGA/AGL	<i>Local Government Areas, Áreas do Governo Local</i>
M&E/MeA	<i>Monitoring and Evaluation, Monitoria e Avaliação</i>
MAP/mdp	<i>Months After Planting, meses depois da plantação</i>
m.a.s.l./manm	<i>metres above sea level, metros acima do nível do mar</i>
MM	<i>Mass Multiplication, Multiplicação em Massa</i>
MSC/MMS	<i>Most Significant Change, Mudança Mais Significativa</i>
N	Nitrogénio
NARO/ONIA	<i>National Agricultural Research Organisation, Organização Nacional de Investigação Agrícola</i>
NGO/ONG	<i>Non Government Organisations, Organização Não Governamental</i>
NHV/VHN	<i>Negative Horizontal Ventilation, Ventilação Horizontal Negativa</i>
NRI/IRN	<i>Natural Resources Institute, Instituto de Recursos Naturais</i>
OFSP/BDPA	<i>Orange-fleshed sweetpotato, Batata-doce de Polpa Alaranjada</i>
P	Fósforo
p.e.	por exemplo
PMCA/ACMP	<i>Participatory Market Chain Approach, Abordagem Participativa da Cadeia de Mercado</i>
PMS/LMP	<i>Primary Multiplication Site, Local de Multiplicação Primária</i>
PPP	<i>Public Private Partnership, Parceria Público Privada</i>
PVC	<i>Polyvinyl chloride, Cloreto de Polivinil</i>
QDPM/MPQD	<i>Quality Declared Planting Material, Material de Plantação de Qualidade Declarada</i>
QDS/SQD	<i>Quality Declared Seed, Semente de Qualidade Declarada</i>
RAC	<i>Reaching Agents of Change, Alcançando os Agentes de Mudança</i>
RAE/EAC	<i>Retinol Activity Equivalents, Equivalentes da Actividade de Retinol</i>
RCT/ECC	<i>Randomised Control Trial, Ensaio Casualizado de Controlo</i>
RE/ER	<i>Retinol Equivalents, Equivalentes de Retinol</i>
REU/AUF	<i>Reaching End Users, Alcançando os Utilizadores Finais</i>
RDA/DDR	<i>Recommended Daily Allowances, Doses Diárias Recomendadas</i>
RH/HR	<i>Relative Humidity, Humidade Relativa</i>

SASHA/ABSSA	<i>Sweetpotato Action for Security and Health in Africa</i> , Acção Batata-doce para a Segurança e Saúde em África
SMS/LMS	<i>Secondary Multiplication Site</i> , Local de Multiplicação Secundária
SP/BD	<i>Sweetpotato</i> , Batata-doce
SPCSV/VNCBD	<i>Sweetpotato chlorotic stunt virus</i> , Vírus do Nanismo Clorótico da Batata-doce
SPFMV/VMPBD	<i>Sweet potato feathery mottle virus</i> , Vírus do Mosqueado Plumoso da Batata-doce
SPKP/PCBD	<i>Sweetpotato Knowledge Portal</i> , Portal de Conhecimento da Batata-doce
SPVD/DVBD	<i>Sweetpotato Virus Disease</i> , Doença de Vírus da Batata-doce
SSA/ASS	<i>Sub-Saharan Africa</i> , África Subsaariana
ToT/CdF	<i>Training of Trainers</i> , Capacitação de Formadores
TMS/LMT	<i>Tertiary Multiplication Site</i> , Local de Multiplicação Terceária
Tshs.	<i>Tanzanian Shillings</i> , Moeda ( <i>shilling</i> ) Tanzaniana
TSNI	<i>Towards Sustainable Nutrition Improvement</i> , Em direcção a uma nutrição sustentável
UN	<i>United Nations</i> , Nações Unidas
UNICEF	<i>United Nations Children's Fund</i> , Fundo das Nações Unidas para as Crianças
USD	<i>United States Dollar</i> , Dólares dos Estados Unidos da América
Ushs.	<i>Ugandan Shillings</i> , Moeda ( <i>shilling</i> ) Ugandesa
VAD/DVA	<i>Vitamin A Deficiency</i> , Deficiência em Vitamina A
WAP/sdp	<i>Weeks After Planting</i> , semanas depois da plantação
WHO/OMS	<i>World Health Organisation</i> , Organização Mundial da Saúde
WTP/VP	<i>Willingness To Pay</i> , Vontade de Pagar



## Conteúdo

PREÂMBULO .....	I
DESIGNAÇÕES E ABREVIATURAS.....	IV
CONTEÚDO .....	VI
COMO USAR ESTE MANUAL .....	X
<b>TÓPICO 1: AJUDANDO OS ADULTOS A APRENDER .....</b>	<b>2</b>
1.1 TORNANDO-SE NUM FACILITADOR HABILIDOSO .....	2
1.2 PLANIFICAÇÃO DE UM CURSO DE CAPACITAÇÃO .....	8
1.3 ASPECTOS DE GÉNERO E DIVERSIDADE AO AJUDAR OS ADULTOS A APRENDER .....	23
1.4 IDEIAS SOBRE ACTIVIDADES DE CAPACITAÇÃO DO TIPO APRENDER-FAZENDO.....	25
1.4.1 <i>Praticando para ser um facilitador de capacitação do aprender-fazendo.....</i>	<i>26</i>
1.4.2 <i>Ideias sobre oportunidades adicionais para aprender-fazendo sobre a batata-doce.....</i>	<i>27</i>
1.4.3 <i>Avaliação de um curso de capacitação .....</i>	<i>28</i>
1.5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS USADAS.....	29
<b>TÓPICO 2: ORIGEM E IMPORTÂNCIA DA BATATA-DOCE .....</b>	<b>32</b>
2.1 DE ONDE VEM A BATATA-DOCE? .....	32
2.2 ONDE A BATATA-DOCE É PRODUZIDA E COMO ELA É USADA? .....	33
2.3 O QUE ESTÁ AFECTANDO A PRODUÇÃO E A UTILIZAÇÃO DA BATATA-DOCE?.....	38
2.4 PORQUÊ PROMOVER A BATATA-DOCE? .....	39
2.5 QUAIS SÃO OS DESAFIOS NA PRODUÇÃO E UTILIZAÇÃO DA BATATA-DOCE?.....	42
2.6 ADVOGANDO/DEFENDENDO A BATATA-DOCE DE POLPA ALARANJADA .....	43
2.7 DESMASCARANDO OS MITOS SOBRE A BATATA-DOCE: QUAIS SÃO OS FACTOS? .....	45
2.8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	46
<b>TÓPICO 3: SELECÇÃO E CARACTERÍSTICAS VARIETAIS DA BATATA-DOCE .....</b>	<b>49</b>
3.1 DIVERSIDADE NATURAL DA BATATA-DOCE .....	49
3.2 QUAIS SÃO AS CARACTERÍSTICAS QUE PROCURA PARA AS SUAS PLANTAS DE BATATA-DOCE?.....	50
3.3 COMO TER ACESSO E TESTAR DIFERENTES VARIEDADES DE BATATA-DOCE .....	53
3.4 ASPECTOS DE GÉNERO E DIVERSIDADE NA SELECÇÃO E CARACTERÍSTICAS VARIETAIS DA BATATA-DOCE .....	62
3.5 IDEIAS PARA ACTIVIDADES DO APRENDER-FAZENDO NA SELECÇÃO E CARACTERÍSTICAS VARIETAIS DA BATATA-DOCE .....	62
3.5.1 <i>Detectar a diferença .....</i>	<i>63</i>
3.5.2 <i>Seleção de variedades de batata-doce.....</i>	<i>65</i>
3.6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	66
<b>TÓPICO 4: BATATA-DOCE DE POLPA ALARANJADA E NUTRIÇÃO.....</b>	<b>69</b>
4.1 O QUE É UMA BOA NUTRIÇÃO? .....	69
4.3 PORQUÊ COMER BATATA-DOCE DE POLPA ALARANJADA? .....	81
4.4 BIOFORTIFICAÇÃO E A BATATA-DOCE DE POLPA ALARANJADA .....	86
4.5 MÓDULOS DE NUTRIÇÃO PARA INTERVENÇÕES A NÍVEL DA COMUNIDADE – 2 MÓDULOS DE TOPO .....	87
4.6 MUDANÇA DE COMPORTAMENTO NUTRICIONAL ATRAVÉS DE CAMPANHAS DE CRIAÇÃO DE PROCURA .....	87
4.7 ASPECTOS DE GÉNERO E DIVERSIDADE DA BATATA-DOCE DE POLPA ALARANJADA E NUTRIÇÃO .....	91
4.8 IDEIAS PARA ACTIVIDADES SOBRE NUTRIÇÃO E BATATA-DOCE DE POLPA ALARANJADA, APRENDER-FAZENDO .....	92
4.8.1 <i>Quão bem balanceadas/equilibradas são as nossas dietas? .....</i>	<i>93</i>
4.8.2 <i>Jantando com um menu rico em vitamina A.....</i>	<i>93</i>

4.8.3 Preparando uma papa virtual.....	94
4.8.4 Desenvolvendo a consciencialização e criando a procura pela batata-doce de polpa alaranjada.....	95
4.9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	101
<b>TÓPICO 5: SISTEMAS DE SEMENTE DA BATATA-DOCE.....</b>	<b>105</b>
5.1 O QUE QUEREMOS DIZER COM O TERMO “SEMENTE” .....	105
5.2 SISTEMAS DE SEMENTES .....	106
5.3 COMO IDENTIFICAR OS MATERIAIS DE PLANTAÇÃO SAUDÁVEIS .....	108
5.4 COMO MULTIPLICAR RAPIDAMENTE OS SEUS MATERIAIS DE PLANTAÇÃO .....	110
5.5 COMO PRESERVAR O MATERIAL DE PLANTAÇÃO DURANTE A ÉPOCA SECA.....	117
5.6 ESCOLHENDO A SUA ESTRATÉGIA DE MULTIPLICAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DO MATERIAL DE PLANTAÇÃO .....	120
5.7 FAZENDO O SEU PLANO DE MULTIPLICAÇÃO E DISSEMINAÇÃO .....	133
5.8 ORIENTAÇÕES PARA O CÁLCULO DO CUSTO DAS ACTIVIDADES DE MULTIPLICAÇÃO E DISSEMINAÇÃO.....	143
5.9 ASPECTOS DE GÉNERO E DIVERSIDADE DOS SISTEMAS DE SEMENTE DE BATATA-DOCE .....	147
5.10 IDEIAS PARA AS ACTIVIDADES SOBRE SISTEMAS DE SEMENTE DA BATATA-DOCE, APRENDER-FAZENDO .....	147
5.10.1 Ramas para a plantação: Limpas (livre de doenças e pragas) e multiplicadas.....	149
5.10.2 O Sistema Triplo S ou AAB: Areia, Armazenamento, Brotação.....	151
5.10.3 Planeando a sua estratégia de multiplicação e disseminação.....	152
5.10.4 Trabalhando com os MRDs.....	158
5.11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	161
<b>TÓPICO 6: PRODUÇÃO E MANEIO DA BATATA-DOCE.....</b>	<b>164</b>
6.1 PLANIFICAÇÃO DAS ACTIVIDADES DA BATATA-DOCE PARA AS OPERAÇÕES NA MACHAMBA.....	164
6.2 SELECIONAR E PREPARAR A TERRA .....	165
6.3 MÉTODOS DE PLANTAÇÃO E QUANDO PLANTAR .....	166
6.4 PLANTAÇÃO ESCALONADA PARA OBTER BENEFÍCIOS NO RENDIMENTO E FORNECIMENTO REGULAR .....	168
6.5 CONSOCIAÇÃO DA BATATA-DOCE .....	168
6.6 EXIGÊNCIAS DA BATATA-DOCE E DEFEITOS FISIOLÓGICOS.....	170
6.7 NECESSIDADES EM NUTRIENTES DA BATATA-DOCE .....	176
6.8 ASPECTOS DE GÉNERO E DIVERSIDADE NA PRODUÇÃO E MANEIO DA BATATA-DOCE .....	181
6.9 IDEIAS PARA PRODUÇÃO DA BATATA-DOCE, APRENDER-FAZENDO ACTIVIDADES.....	182
6.9.1 Comparando variedades de batata-doce e práticas de manejo .....	183
6.9.2 Planeamento antecipado .....	184
6.10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS USADAS.....	186
<b>TOPICO 7: MANEIO DE PRAGAS E DOENÇAS DA BATATA-DOCE .....</b>	<b>189</b>
7.1 DE ONDE VEM AS PRAGAS E DOENÇAS DA BATATA-DOCE E COMO SE DISPERSAM?.....	189
7.2 COMO RECONHECER E CONTROLAR OS GORGULHOS DA BATATA-DOCE.....	195
7.3 COMO RECONHECER E CONTROLAR VIROSES DA BATATA-DOCE.....	201
7.4 COMO RECONHECER/IDENTIFICAR E CONTROLAR DOENÇAS FÚNGICAS .....	202
7.5 COMO RECONHECER E CONTROLAR A TOUPEIRA E/OU RATO DO CAMPO .....	204
7.6 COMO RECONHECER E CONTROLAR A ERINOSE/PILOSIDADE/ACAROS ERIOFIDEOS .....	205
7.7 COMO RECONHECER E CONTROLAR PRAGAS DE ARMAZENAGEM DA BATATA-DOCE .....	206
7.8 ASPECTOS DE GÉNERO E DIVERSIDADE NO MANEIO DE PRAGAS E DOENÇAS DA BATATA-DOCE .....	208
7.9.1 Procurando no campo as pragas e doenças da batata-doce e aprender a controlá-las.....	210
7.9.2 Dano omissivo/escondido: a importância de entender os ciclos de vida dos insectos .....	212
7.9.3 Capacitando outros sobre pragas e doenças chaves da batata-doce.....	213
7.10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS USADAS.....	214

<b>TÓPICO 8: COLHEITA E MANEIO PÓS-COLHEITA.....</b>	<b>217</b>
8.1 PROLONGANDO A COLHEITA DA BATATA-DOCE .....	217
8.2 QUANDO E COMO COLHER .....	218
8.3 COMO EMBALAR E TRANSPORTAR DE FORMA SEGURA AS RAÍZES FRESCAS DE BATATA-DOCE.....	220
8.4 TRATAMENTO DE CURA DE PRÉ E PÓS-COLHEITA.....	221
8.5 GERINDO O ARMAZENAMENTO DE RAÍZES FRESCAS DE BATATA-DOCE .....	222
8.6 AUMENTANDO O VALOR DE MERCADO DAS RAÍZES FRESCAS DE BATATA-DOCE ATRAVÉS DE UM MELHOR MANUSEAMENTO PÓS-COLHEITA.....	228
8.7 GERINDO O ARMAZENAMENTO DE RASPAS SECAS DE BATATA-DOCE .....	230
8.8 ASPECTOS DE GÉNERO E DIVERSIDADE NA COLHEITA E MANEIO PÓS-COLHEITA.....	233
8.9 IDEIAS PARA A COLHEITA E PÓS-COLHEITA DE BATATA-DOCE APRENDER-FAZENDO ACTIVIDADES .....	233
8.9.1 <i>Aumento de lucro através de armazenamento de batata-doce fresca.....</i>	<i>234</i>
8.9.2 <i>Efeito de secagem ao sol e armazenamento no conteúdo de beta-caroteno da batata-doce de polpa alaranjada.....</i>	<i>236</i>
8.10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	239
<b>TÓPICO 9: PROCESSAMENTO E UTILIZAÇÃO .....</b>	<b>242</b>
9.1 COMO PROCESSAR A BATATA-DOCE DE POLPA ALARANJADA, MANTER O TEOR DE BETA-CAROTENO E AGREGAR VALOR .....	242
9.2. FARINHA DE BATATA-DOCE VERSUS A BATATA-DOCE RALADA OU PURÉ .....	244
9.3. USANDO BATATA-DOCE PARA ADICIONAR VALOR NUTRICIONAL A NÍVEL DO AGREGADO FAMILIAR .....	245
9.4. COMO COZINHAR RECEITAS DELICIOSAS DA BATATA-DOCE.....	246
9.5 PROCESSAMENTO COMERCIAL EM LARGA ESCALA DE PRODUTOS DE BATATA-DOCE.....	260
9.6 BATATA-DOCE COMO RAÇÃO ANIMAL .....	262
9.7 ASPECTOS DE GÉNERO E DIVERSIDADE NO PROCESSAMENTO E UTILIZAÇÃO DA BATATA-DOCE .....	267
9.8 IDEIAS PARA PROCESSAMENTO E UTILIZAÇÃO DA BATATA-DOCE APRENDER-FAZENDO ACTIVIDADES.....	268
9.8.1 <i>Substituindo a batata-doce por farinha de trigo em receitas de apas.....</i>	<i>269</i>
9.8.2 <i>Como fazer sumo de batata-doce.....</i>	<i>270</i>
9.8.3 <i>Como fazer flossos de batata-doce.....</i>	<i>271</i>
9.9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	271
<b>TÓPICO 10: MARKETING E EMPREENDEDORISMO .....</b>	<b>275</b>
10.1 COMERCIALIZAÇÃO DAS RAÍZES FRESCAS DE BATATA-DOCE NA ÁFRICA SUBSAARIANA .....	275
10.2 MARKETING E ORIENTAÇÃO PARA O MERCADO .....	277
10.3 EMPREENDEDORISMO .....	281
10.4 ENTENDENDO OS 5 PILARES DO MARKETING: PRODUTO, PREÇO, PRAÇA (LOCAL), PROMOÇÃO, PESSOAS .....	283
10.5 EXPLORANDO A CADEIA DE VALOR DO MERCADO DA BATATA-DOCE.....	285
10.6 PORQUE TRABALHAR COMO UM GRUPO PARA COMERCIALIZAR A SUA BATATA-DOCE? .....	291
10.7 PODE-SE FAZER LUCRO COM A VENDA DE RAÍZES FRESCAS DE BATATA-DOCE?.....	293
10.8 QUANDO FAZ SENTIDO DESENVOLVER UM PRODUTO TRANSFORMADO?.....	295
10.9 ASPECTOS DE GÉNERO E DIVERSIDADE NO MARKETING E EMPREENDEDORISMO DA BATATA-DOCE .....	298
10.10 IDEIAS PARA MARKETING E EMPREENDEDORISMO DA BATATA-DOCE APRENDER-FAZENDO ACTIVIDADES.....	299
10.10.1 <i>Viagem para o Mercado .....</i>	<i>300</i>
10.10.2 <i>Calculando a sua margem de lucro.....</i>	<i>302</i>
10.10.3 <i>Os Cinco Pilares do Marketing .....</i>	<i>303</i>
10.11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	305
<b>TÓPICO 11: ASPECTOS DE GÉNERO E DIVERSIDADE .....</b>	<b>308</b>
11.1 DEFININDO GÉNERO E DIVERSIDADE.....	308

11.2 PORQUÊ ASPECTOS DE GÉNERO E DIVERSIDADE SÃO IMPORTANTES NA AGRICULTURA E NO EMPREENHIMENTO DA BATATA-DOCE .....	309
11.3 PAPÉIS E RESPONSABILIDADES DE GÉNERO NA CADEIA DE VALOR DA BATATA-DOCE.....	312
11.4 DIFERENTES CONSTRANGIMENTOS, NECESSIDADES E PRIORIDADES DOS PRODUTORES E PRODUTORAS DE BATATA-DOCE ...	316
11.5 MELHORES PRÁTICAS PARA INCORPORAR OS ASPECTOS DE GÉNERO NOS PROGRAMAS DA BATATA-DOCE .....	317
11.6 REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	324

## **TÓPICO 12: MONITORIA DA DISSEMINAÇÃO E CONSUMO DA BATATA-DOCE DE POLPA ALARANJADA ..327**

12.1 MONITORIA E AVALIAÇÃO .....	327
12.2 DESENVOLVENDO UM SISTEMA DE M&A PARA UM PROJECTO DE BATATA-DOCE .....	329
12.3 COMO MONITORAR UM PROJECTO DE BATATA-DOCE? .....	332
12.4 COMO AVALIAR UM PROJECTO DE BATATA-DOCE.....	335
12.5 FERRAMENTAS E EXEMPLOS DA MONITORIA DA DISSEMINAÇÃO E CONSUMO DA BATATA-DOCE .....	336
12.6 ASPECTOS DE GÉNERO E DIVERSIDADE NA M&A DA BATATA-DOCE .....	348
12.7 IDEIAS PARA A MONITORIA DA DISSEMINAÇÃO DA BATATA-DOCE DE POLPA ALARANJADA APRENDER-FAZENDO ACTIVIDADES .....	350
12.7.1 Para onde foi o material de plantação da batata-doce de polpa alaranjada que foi disseminado? .....	350
12.8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	351

## **TÓPICO 13: USO DO CURSO DE CAPACITAÇÃO DE FORMADORES “TUDO O QUE SEMPRE QUIS SABER SOBRE A BATATA-DOCE” .....**

13.1 RESUMO DOS 10 DIAS DO CURSO DE CAPACITAÇÃO DE FORMADORES “TUDO O QUE SEMPRE QUIS SABER SOBRE A BATATA-DOCE” .....	354
13.2 RESUMO DOS 5 DIAS DO CURSO DE CAPACITAÇÃO DE FORMADORES “TUDO O QUE SEMPRE QUIS SABER SOBRE A BATATA-DOCE” .....	372
13.3 APRESENTAÇÕES QUE ACOMPANHAM O CURSO Cdf/TOT DE ‘TUDO O QUE SEMPRE QUIS SABER SOBRE A BATATA-DOCE’	378
13.4 CARTÕES AUXILIARES DE MEMÓRIA PARA O CURSO DE Cdf/TOT SOBRE ‘TUDO O QUE SEMPRE QUIS SABER SOBRE A BATATA-DOCE’ .....	379

## **TÓPICO 14: REFLEXÕES .....**

### **APÊNDICES .....**

APÊNDICE 1 ENERGIZADORES OU ESTIMULADORES .....	383
APÊNDICE 2. COMO USAR O PORTAL DE CONHECIMENTO DA BATATA-DOCE.....	388
APÊNDICE 3 DESCRITORES PARA A BATATA-DOCE, O CARTÃO DE COLORAÇÃO DO B-CAROTENO DA BATATA-DOCE, FORMULÁRIO	389
APÊNDICE 5 .....	402
Apêndice 5.1 Como transportar, receber, endurecer (preparar para as condições normais de cultivo), transplantar e manejar as plântulas da cultura de tecidos .....	402
Apêndice 5.2 Túnel de rede para manter o material de plantação básico saudável .....	405
APÊNDICE 6. DETERMINANDO O SEU TIPO DE SOLO .....	407
APÊNDICE 11. LISTA DE VERIFICAÇÃO PARA A ANÁLISE DA SITUAÇÃO DO GÉNERO .....	410
APÊNDICE 12. FORMULÁRIOS DE RECOLHA DE DADOS DE BASE DA BATATA-DOCE .....	415

## Como usar este manual

Este manual contém “*Tudo o que sempre quis saber sobre a batata-doce*”. Esperamos que o manual seja útil para os que estão envolvidos na capacitação de extensionistas e pessoal de ONGs a diferentes níveis, e que estes por sua vez irão capacitar produtores duma maneira prática que os ajuda a construir as suas habilidades para a resolução de problemas e tomada de decisão, de modo a que eles possam continuar a aprender, investigar, testar e responder às diferentes oportunidades e desafios relevantes para os seus meios de vida.

Este manual é composto de catorze tópicos que, depois dos dois tópicos iniciais sobre a capacitação, origem e importância da batata-doce segue-se o ciclo da cultura da batata-doce. Cada tópico discute a necessidade principal de conhecer os aspectos que realçam os assuntos de género relevantes e depois apresenta sugestões sobre como é que o tópico poderia ser incorporado no curso de 10 dias de capacitação de formadores (CdF/ToT), usando procedimentos que o guiam na execução gradual de actividades práticas no âmbito da abordagem do aprender-fazendo (*learning-by-doing*). Os últimos dois tópicos focalizam na preparação e no programa do curso de capacitação de formadores (CdF/ToT). Os catorze tópicos são:

**Tópico 1: Ajudando os Adultos a Aprender.** Discute as características de um bom facilitador, e apresenta sugestões para a melhoria das habilidades de facilitação. O tópico cobre assuntos sobre a planificação de um curso de capacitação a partir do levantamento das necessidades de formação, através do desenvolvimento de resultados de aprendizagem, consciencialização, selecção de participantes, desenvolvimento do programa, uso de abordagens de aprendizagem baseadas na descoberta/na experiência, seguimento, monitoria e avaliação a longo-prazo e expansão das actividades. Nas actividades do tipo aprendendo-fazendo os participantes praticam as suas habilidades ao mesmo tempo que ensinam diferentes tópicos sobre a batata-doce e compreendem a importância da avaliação da sua capacitação.

**Tópico 2: Origem e Importância da Batata-doce.** Descreve o historial da origem e difusão da batata-doce e apresenta um resumo de usos correntes e dados de produção da batata-doce no mundo.

**Tópico 3: Características e Selecção de Variedades da Batata-doce.** Os tubérculos da batata-doce têm cores variadas, desde a cor púrpura à cor de laranja, amarela ou branca; uma diversidade de formatos da folha, tamanhos e formas dos tubérculos, sabores, texturas, períodos de maturação e também cores da polpa. Os produtores usam estas características para seleccionar as variedades que vão produzir/cultivar. Neste tópico descreve-se o método usado para comparar, no campo, as diferentes características das diferentes variedades.

**Tópico 4: Nutrição e Batata-doce de Polpa Alaranjada.** Neste tópico apresenta-se um resumo dos grupos de alimentos e boa nutrição, seguido duma discussão das consequências duma nutrição pobre incluindo a deficiência em Vitamina A e o uso do melhoramento convencional na biofortificação de plantas. Os benefícios do consumo da batata-doce de polpa alaranjada são discutidos junto com a complexidade envolvida nos esforços de criação da procura de alimentos para resolver problemas nutricionais geralmente não reconhecidos, como é o caso da deficiência em Vitamina A.

**Tópico 5: Sistemas de Sementes da Batata-doce.** Estes são revistos incluindo os diferentes níveis de multiplicação de semente, os papéis dos diferentes intervenientes dentro do sistema. São discutidos os factores que influenciam na decisão sobre o uso duma abordagem em que a disseminação dos materiais de plantio é feita duma única vez ou duma abordagem em que a disseminação é de forma contínua, e o nível de subsídios. São dados exemplos de planificação da multiplicação de diferentes tipos de material de plantio e estratégias de disseminação. São apresentados os métodos para a selecção, conservação e multiplicação de material limpo (livre de pragas e doenças).

**Tópico 6: Produção e Gestão da Batata-doce.** Cobre a importância da planificação detalhada para assegurar, a disponibilidade de uma quantidade suficiente de material de plantio no início da época

chuvosa, a preparação da terra, os métodos de sementeira, a consorciação, necessidade de nutrientes, os principais estágios de crescimento e os tamanhos culturais envolvidos.

**Tópico 7: Controle de Doenças e Pragas da Batata-doce.** Explica como a identificação dos ciclos de vida de insectos tais como o gorgulho da batata-doce (*Cylas* spp.) e vírus, pode ajudar os produtores a aprender a controlar melhor as pragas e doenças. São também discutidos os sinais e estratégias para o controle de ratos de campo/toupeiras e erinose.

**Tópico 8: Gestão da Colheita e Pós-colheita da Batata-doce.** Os danos físicos (aos tubérculos ou raízes) durante a colheita e transporte podem reduzir o tempo de armazenagem dos tubérculos da batata-doce. Uma secagem excessiva e um armazenamento prolongado podem reduzir o conteúdo de beta-caroteno nos produtos secos da batata-doce de polpa alaranjada. São discutidos, a boa gestão pós-colheita e as práticas de conservação de produtos secos. Os métodos de cura e armazenagem de tubérculos frescos para aumentar a sua qualidade, valor e disponibilidade também são apresentados.

**Tópico 9: Processamento e Utilização.** Vários produtos alimentares deliciosos, nutritivos e potencialmente lucrativos podem ser preparados na base da batata-doce de polpa alaranjada. O uso de batata-doce para alimentar animais também é discutido.

**Tópico 10: Comercialização e Adição de Valor.** Este tópico discute os 5 pilares da comercialização (produto, preço, local, promoção e pessoas) em relação aos tubérculos frescos e produtos da batata-doce.

**Tópico 11: Aspectos de Género e Diversidade.** O tópico discute a importância de reconhecer os aspectos de género e diversidade na agricultura e nos sistemas de cultivo da batata-doce. São apresentadas situações em que a batata-doce é produzida pelas mulheres, e outras situações onde a batata-doce é produzida pelos homens, ou por ambos homens e mulheres, assim como os diferentes constrangimentos, necessidades e prioridades das mulheres e homens produtores da batata-doce.

**Tópico 12: Monitoria da Disseminação e Adopção da Batata-doce de Polpa Alaranjada.** Este tópico oferece uma explicação das razões para a realização de actividades de monitoria e as diferenças entre monitoria e avaliação. Esta explicação é seguida de uma apresentação de vários instrumentos que podem ser usados para a monitoria da disseminação, desempenho e uso do material de plantio da batata-doce. De modo a compreender os impactos a longo-termo e o alcance da capacitação sobre a batata-doce, é importante guardar registos sobre as pessoas capacitadas. Estes registos podem ser usados nas actividades de seguimento.

**Tópico 13: Uso do Curso de Capacitação de Formadores “Tudo o que sempre quis saber sobre a batata-doce”.** Este tópico apresenta os programas detalhados para 10 e 5 dias do curso de capacitação de formadores do tipo aprendendo-fazendo. Os programas descrevem: os tópicos a serem cobertos por dia; os resultados de aprendizagem esperados; a sequência das actividades e o tempo de duração das mesmas; e os materiais e a requerida preparação. Os programas aqui apresentados não devem ser interpretados como prescrições e esperamos que os facilitadores, duma maneira criativa, irão ajustá-los às necessidades dos participantes.

**Tópico 14: Reflexões.** Esperamos que depois de testar este manual os facilitadores e participantes irão reflectir sobre ele e partilhar ideias sobre como este pode ser melhorado. Por favor envie as suas sugestões para Jan Low [j.low@cgiar.org](mailto:j.low@cgiar.org) e procuraremos, sempre que for possível, incorporar as suas sugestões nas novas edições.

# **TÓPICO 11: ASPECTOS DE GÉNERO E DIVERSIDADE**

## **EM**

### **TUDO O QUE SEMPRE QUIS SABER SOBRE A BATATA- DOCE**

#### Conteúdos

<b>TOPICO 11: ASPECTOS DE GENERO E DIVERSIDADE .....</b>	<b>308</b>
11.1 DEFININDO GÉNERO E DIVERSIDADE.....	308
11.2 PORQUÊ ASPECTOS DE GÉNERO E DIVERSIDADE SÃO IMPORTANTES NA AGRICULTURA E NO EMPREENHIMENTO DA BATATA-DOCE .....	309
11.3 PAPÉIS E RESPONSABILIDADES DE GÉNERO NA CADEIA DE VALOR DA BATATA-DOCE.....	312
11.4 CONSTRANGIMENTOS, NECESSIDADES E PRIORIDADES DOS PRODUTORES E PRODUTORAS DE BATATA-DOCE .....	316
11.5 MELHORES PRÁTICAS PARA INCORPORAR OS ASPECTOS DE GÉNERO NOS PROGRAMAS DA BATATA-DOCE .....	317
11.6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	324

## Tópico 11: Aspectos de género e diversidade

### 11.1 Definindo género e diversidade

O termo género é largamente usado no sector de desenvolvimento mas é muitas vezes mal entendido. O termo “sexo” refere-se as características biológicas e psicológicas que definem o homem e a mulher. “Género” por outro lado refere-se a papéis socialmente construídos, comportamentos, actividades e atributos que uma dada sociedade considera apropriados para o homem e mulher. Apesar do sexo e género estarem relacionados, o sexo diz respeito as características no domínio físico que distinguem o masculino do feminino (por exemplo a mulher fica grávida, tem mamas, menstrua; o homem tem testículos, músculos mais desenvolvidos que os da mulher) enquanto que o género diz respeito à identidade associada ao significado do que é ser homem ou mulher. Porque os papéis do género são definidos por normas sociais, isto é, o que é um comportamento aceitável para um “homem” e para uma “mulher”, os papéis e atributos variam em diferentes sociedades e são configurados pelos factores ideológicos, religiosos, étnicos, económicos e culturais, por isso esses papéis são dinâmicos, mudando constantemente em resposta a múltiplos factores. Por exemplo:

- Em muitas sociedades africanas tradicionais, as mulheres retêm os seus apelidos quando se casam, mas mulheres com educação ocidental adoptam os apelidos dos seus maridos.
- Na Arábia Saudita permite-se que os homens conduzam carros mas não se permite às mulheres.
- Em muitas sociedades africanas matrilineares, a herança é dada ao indivíduo de sexo feminino.
- Na maior parte do mundo, a mulher se ocupa mais que o homem, do trabalho doméstico.
- Na maior parte de África as mulheres são responsáveis pela cozinha em casa, mas os homens são frequentemente empregues como cozinheiros no sector formal.

Compreender que os papéis do género são socialmente construídos significa que estes papéis *podem* mudar, de forma a existir um relacionamento mais equitativo entre homens e mulheres, com ambos géneros tendo igual acesso aos recursos e oportunidades.

Muitas vezes as pessoas erradamente acreditam que o conceito de género refere-se à mulher quando de facto se refere à relação entre homem e mulher e como a construção social de papéis, responsabilidades, actividades e atributos afectam uns aos outros. Porque as mulheres são tipicamente colocadas em desvantagem em relação ao homem (em termos de recursos, poder de tomada de decisão, etc.), o foco da maioria das intervenções relacionadas com o género é em mulheres embora a análise do género toma em consideração os papéis, responsabilidades e posições de ambos homens e mulheres em relação uns aos outros.

Olhar o mundo com apenas uma perspectiva de género iria subestimar as complexidades existentes devido a outras formas de diferenciação social. Diversidade refere-se as diferenças entre pessoas nas dimensões de riqueza, acesso a recursos e bens, idade, casta, raça, etnia, estado civil (casado, monógamo, polígamo, viúvo), tipo de agregado familiar (chefiado por homem, chefiado pela mulher, chefiado por uma criança) educação e outros factores que caracterizam todas sociedades. Quando discutimos género é importante também considerar diversidade porque, enquanto homens e mulheres partilham experiências comuns em virtude do seu género, em nenhuma sociedade as mulheres e os homens estão em grupos homogéneos. Ambos géneros têm diferente acesso aos bens e recursos e pertencem a diferentes grupos no respeitante a riqueza etc.



## Conceitos importantes do Género

**Igualdade de género** refere-se a direitos iguais, responsabilidades e oportunidades iguais da mulher do homem, das meninas e dos rapazes. Igualdade não significa que os homens e as mulheres tornam-se iguais, mas sim que as responsabilidades e oportunidades não dependem de se ter nascido do sexo masculino ou do sexo feminino. Igualdade do género implica que os interesses, necessidades e prioridades de ambos mulheres e homens são levados em consideração, reconhecendo a diversidade dos diferentes grupos de mulheres e homens. Igualdade do género não é uma questão da mulher mas deve preocupar e envolver totalmente tanto a mulher como o homem. A igualdade entre a mulher e o homem é vista tanto como uma questão de direitos humanos assim como uma pré-condição, como indicador de desenvolvimento sustentável centrado nas pessoas.

**A integração de género** é um meio para um fim. Ela requer que a atenção seja dada a perspectivas do género como parte integrante de todas as actividades em todos os programas. Isto envolve fazer das perspectivas do género (o que mulheres e homens fazem, os recursos e processos de tomada de decisão a que têm acesso) um aspecto chave para todo o desenvolvimento de políticas, investigação, advocacia, desenvolvimento, implementação e monitoria das normas e padrões, na planificação, implementação e monitoria de projectos.

**Empoderamento das mulheres:** O empoderamento das mulheres significa que as mulheres ganham poder e controlo sobre as suas próprias vidas. Envolve estimular a consciencialização, criar autoconfiança, expandir as possibilidades de escolha, aumentar o acesso e controlo dos recursos e acções para transformar as estruturas e instituições que reforçam e perpetuam a discriminação do género e desigualdade. O processo de empoderamento é tão importante como o objectivo. O empoderamento vem de dentro; as mulheres empoderam-se a si próprias. Os recursos para promover o empoderamento das mulheres devem facilitar a articulação pelas mulheres das suas necessidades e prioridades e um papel mais activo em promover esses interesses e necessidades. O empoderamento das mulheres não pode ser adquirido no vácuo; os homens devem ser trazidos para este processo de mudança. O empoderamento não deve ser visto como um jogo de soma zero, onde ganhos para a mulher implicam automaticamente percas para o homem. O aumento do poder das mulheres usando estratégias de empoderamento não se refere ao poder sobre, ou as formas de controle do poder, mas sim as formas alternativas de poder: poder para, poder com e poder por dentro cujo foco é utilizar as forças individuais e colectivas para trabalhar com vista a atingir objectivos comuns sem coerção ou dominação.

Fonte: UN Women <http://www.un.org/womenwatch/osagi/conceptsanddefinitions.htm>

## 11.2 Porquê aspectos de género e diversidade são importantes na agricultura e no empreendedorismo da batata-doce

Estima-se que as mulheres agricultoras produzem mais de 50% de todos os alimentos cultivados no mundo. Em muitas partes da África Subsaariana, as mulheres constituem 50% da força laboral na agricultura. Mesmo assim, as mulheres enfrentam, mais do que os homens, constrangimentos severos no acesso a recursos de produção, mercados e serviços. A FAO afirma que uma das razões chave do baixo desempenho do sector de agricultura em muitos países em desenvolvimento é o facto de as “mulheres não terem igual acesso (que os homens) aos recursos e oportunidades que elas necessitam para serem mais produtivas”. Este “fosso no género” na agricultura resulta em:

- Menos alimentos sendo cultivados,
- Menos rendimento sendo gerado; e
- Altos níveis de pobreza e insegurança alimentar.

Para que a agricultura possa atingir o seu potencial como catalisador de desenvolvimento e crescimento, as disparidades de género no acesso a recursos produtivos, mercados, e serviços devem ser discutidos e efectivamente reduzidos. Estima-se que se as mulheres tivessem igual acesso (tal como os homens) aos recursos produtivos, as colheitas nas suas machambas cresceriam 20% a 30%. Isto poderia aumentar a colheita nos países em desenvolvimento em 2.5%, o que poderia reduzir o número de pessoas com fome no mundo em 12 a 17%. Mais ainda, é importante não subestimar a importância dos direitos da mulher como uma questão de direitos humanos e como isso está ligado à luta contra a fome.

Outra razão para se focalizar na mulher na agricultura está relacionada com os múltiplos papéis que as mulheres desempenham não somente como produtoras, mas como processadoras, geradoras de rendimento, e provedoras de cuidados primários. Ao satisfazer as necessidades práticas da mulher no desempenho das suas múltiplas responsabilidades, melhorando o controlo sobre a colheita agrícola e aumentando o seu poder na tomada de decisões em casa onde os alimentos são distribuídos e consumidos, os esforços de desenvolvimento beneficiam não só a mulher mas também a todos os membros do agregado e a sociedade em geral. Há uma considerável evidência a nível da investigação que mostra que quando a mulher tem acesso a rendimentos adicionais, elas gastam-nos, mais que os homens, em comida, saúde, roupa e na educação das crianças.

Na África Subsaariana são importantes as considerações do género quando consideramos a produção de muitas culturas devido ao envolvimento de ambos homens e mulheres na agricultura em geral e o papel dominante da mulher neste sector. Especificamente para a batata-doce as questões do género são importantes pelas seguintes razões:

**Controlo dos recursos:** Os homens controlam os recursos de produção incluindo terra, água, e tecnologias que reduzem o trabalho tais como charruas e tracção animal e a mão-de-obra familiar mas em muitas partes do continente, a batata-doce é tradicionalmente cultivada, vendida e processada em quantidades pequenas, pela mulher. Esta situação que se junta ao acesso limitado da mulher às tecnologias, educação, serviços financeiros devido a sua falta de poder de decisão dentro do agregado familiar, contribui para as baixas colheitas da batata-doce.

**A cultura tende a ser controlada pela mulher:** A batata-doce é frequentemente uma das culturas que a mulher controla porque é considerada uma cultura de segurança alimentar com limitado valor comercial. Esta situação muda quando a cultura se torna comercial, muitas vezes levando o homem a adoptar a produção da batata-doce e o desenvolvimento de sistemas intensivos de larga escala.

**Mulheres são decisoras-chave no que diz respeito à nutrição:** Porque as mulheres na África Subsaariana são tipicamente responsáveis por alimentar as crianças e pela nutrição do agregado familiar, independentemente de quem, no agregado familiar, produz a batata-doce, os esforços para promover a batata-doce de polpa alaranjada (BDPA/OFSP) para melhorar a nutrição materno infantil devem se focar nas mulheres. Contudo, como o homem tem um papel importante no processo de decisão no que diz respeito à escolha das culturas a serem cultivadas e nos alimentos que são comprados, é também importante que os homens sejam envolvidos nas actividades de aprendizagem sobre a nutrição. A abordagem usada pelo projecto PMSN/TSNI (Para um Melhoramento Sustentável da Nutrição ou *Towards Sustainable Nutrition Improvement*) para trabalhar com os papéis do género e nutrição já existentes é descrita na Caixa 11.1.

Em resumo, o alcance dos objectivos de melhorar a nutrição materno infantil, segurança alimentar e de rendimento promovendo BD/BDPA (SP/OFSP) será determinado, em grande medida, pelos papéis do género e responsabilidades numa dada sociedade. Os papéis e responsabilidades do género podem ser avaliados por fazer as seguintes questões:

- Quem cultiva a batata-doce (i.e. que gere a machamba/campo): homens, mulheres ou ambos?
- Quem providencia a mão-de-obra nos campos de batata-doce?
- Quem controla a colheita da batata-doce e como ela é alocada?
- Quem no agregado é responsável em providenciar os alimentos?
- Quem no agregado é responsável por decidir sobre a nutrição do agregado e alimentar as crianças?
- Como os homens e as mulheres alocam o rendimento para os gastos do agregado tais como comida, educação, saúde e roupa?

Apesar da atenção dada a investigação e aos fundos dedicados a batata-doce, poucos estudos avaliam em detalhe os papéis e responsabilidades dos homens e das mulheres ao longo da cadeia de valor na África Subsaariana e como estes mudam em resposta a diferentes factores, e nunca foi feita uma análise de género e diversidade em larga escala a nível de países sobre a batata-doce. Um resumo dos estudos que existem sobre os papéis e responsabilidades de género na produção de batata-doce e os constrangimentos e necessidades associadas é apresentado nas secções 11.3 e 11.4. A fim de ajudar a combater e reduzir no futuro o vazio no conhecimento sobre o género na batata-doce no futuro, , sugestões de melhores práticas para incorporação do género nos diferentes aspectos dos programas de batata-doce são apresentadas na secção 11.5.

#### **Caixa 11.1 Estudo de caso do Projecto Para um Melhoramento Sustentável da Nutrição (PMSN/TSNI)**

As actividades de extensão para a nutrição no projecto PMSN/TSNI em Moçambique, cobriram uma variedade de tópicos incluindo a amamentação, higiene, sinais e consequências da malnutrição, e que alimentos dar, quando e como alimentar bebés e crianças de tenra idade. Homens e mulheres e pessoas de influência foram o grupo alvo usando-se o teatro da comunidade, mensagens de rádio assim como sessões de capacitação. Esta abordagem tinha o objectivo de criar um ambiente onde eram dadas informações à mulheres e desenvolvidas as habilidades para melhorar a dieta das suas crianças, e onde a mudança de comportamento como p.e., as práticas de alimentação dos bebés eram apoiadas por pessoas com influência por eles estarem bem informados.

A abordagem usada pelo projecto PMSN/TSNI envolveu as mulheres na identificação dos constrangimentos para adopção de novos comportamentos , relacionados com o trabalho da mulher, o tempo usado e o seu papel. As mulheres por sua vez identificaram práticas que poderiam adoptar. O projecto activamente trabalhou com extensionistas de nutrição que elas próprias eram mães, de forma que as mulheres podessem ‘respeitar’ os seus conselhos. Ao longo do tempo, o número de homens participando em sessões de nutrição decresceu ( excepto em demonstrações de culinária), e o número de mulheres participando em sessões de agricultura também decresceu. A explicação foi que apenas um representante por agregado participando nas sessões era suficiente por causa de outras ocupações. Em resposta, o projecto periodicamente organizou-se para enviar o extensionista de nutrição para as sessões de agricultura e o extensionista agrícola para as sessões de nutrição.

A deficiência em Vitamina A em crianças decresceu de 60% para 38% nas áreas de intervenção do projecto e manteve-se nas áreas de controle. Para além da BDPA/OFSP, as famílias também aumentaram o consumo de papaia e folhas verdes, outras duas fontes de vitamina A facéis de cultivar. O conhecimento nutricional do homem e da mulher cresceu significativamente nas áreas do projecto.

### **Caixa 11.1. Estudo de Caso do Projecto Para um Melhoramento Sustentável da Nutrição (PMSN/TSNI) - Continuação**

O projecto recomendou que as necessidades nutricionais do homem e da mulher sejam consideradas no futuro, para ajudar a prevenir que as actividades, não de forma intencional, contribuam para que os homens pensem que a nutrição é uma preocupação da mulher. Os homens frequentemente compram os alimentos e são muitas vezes decisores sobre que culturas e quanto de cada se devem plantar. Aumentar o seu interesse na nutrição resulta em benefícios acrescentados para a nutrição das mulheres e suas crianças. O projecto também recomendou que os benefícios específicos da fonte animal de vitamina A também devem ser enfatizados mais no futuro para encorajar a sua compra.

Os níveis de educação formal das mulheres eram mais baixos que os dos homens, e por isso foram necessárias mais repetições e explicações simples para as mulheres. As mulheres preferiram e provavelmente ganharam mais com as sessões de demonstração de culinária, monitoria de crescimento e teatro de comunidade, do que com as aulas. O acesso às oportunidades de escutar rádio e como resultado a sua eficácia como fonte de informação pode diferir entre os homens e as mulheres e deve ser investigado. Os homens são muitas vezes interessados quando surgem oportunidades comerciais.

Todos os projectos necessitam de instrumentos específicos de monitoria do género para ajudar a manter o balanço entre o desejado apoio dos homens e assegurar suficiente acesso das mulheres aos benefícios educacionais, nutricionais e de rendimento da participação das mulheres.

## **11.3 Papéis e responsabilidades de género na cadeia de valor da batata-doce**

Na maior parte da África Subsaariana a diferenciação entre homens e mulheres sobre ser proprietário/gestor dos campos de batata-doce, pode ser agrupada em três categorias:

- A batata-doce é tradicionalmente uma cultura feminina; poucos ou nenhum homem a cultivam;
- A batata-doce é tradicionalmente uma cultura masculina poucas ou nenhuma mulher a cultivam;
- A batata-doce é cultivada por ambos homens e mulheres em campos em que são individualmente proprietários ou campos pertencentes a família.

É importante distinguir entre ser dono da machamba/campo no sentido ideológico, gestão (a pessoa que “começa” a machamba/campo e toma a maioria das decisões de produção) e mão-de-obra nas actividades de produção. Tipicamente em África, porque os homens são considerados os “chefes do agregado familiar” e são “proprietários” da terra e a controlam, a um certo nível, todos os campos agrícolas são considerados como pertencentes ao homem chefe do agregado familiar não importando o facto de este trabalhar a terra ou tomar decisões na machamba/campo. É importante definir o gestor da machamba/campo como a pessoa que inicia a machamba/campo e toma a maior parte das decisões sobre a produção.

Como descrito acima, os papéis do género na produção da batata-doce são dinâmicos, variando ao longo das regiões de um país e mudando no tempo.

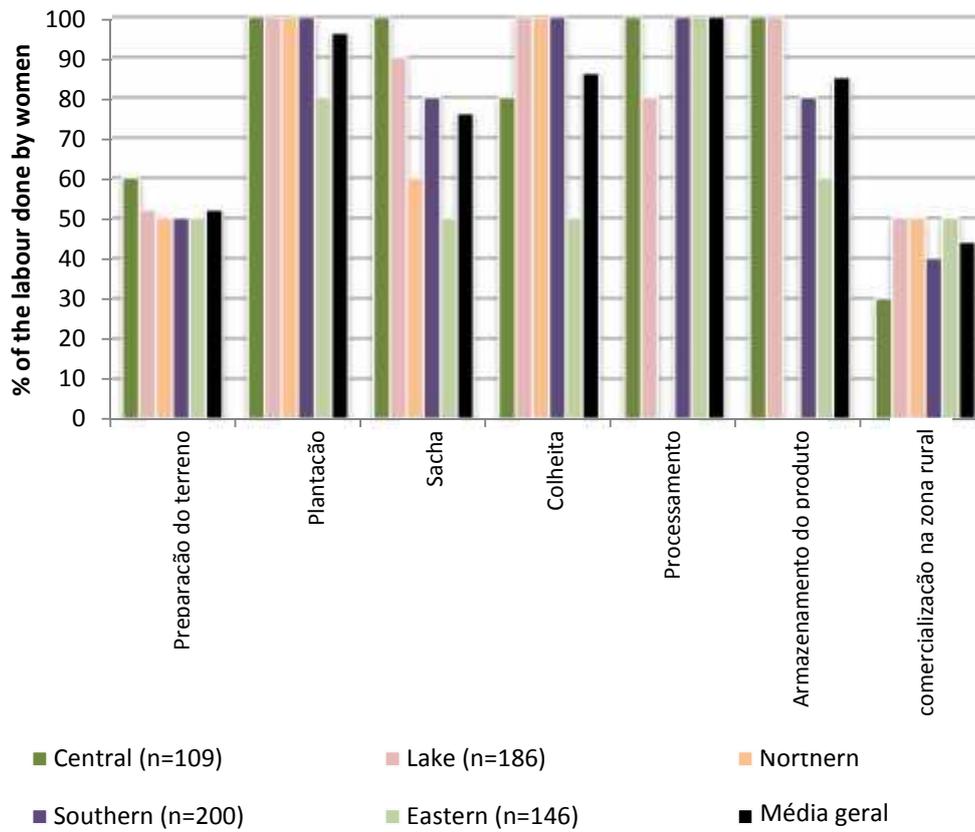
### *Batata-doce como cultura feminina*

Em muitas partes da África Subsaariana incluindo Quênia, Tanzânia e Moçambique, a batata-doce, tal como outras culturas de segurança alimentar é, tradicionalmente, cultivada, vendida e processada em pequenas quantidades por mulheres. As mulheres frequentemente cultivam a cultura, sozinhas, com pouca ou nenhuma ajuda do homem. Muitas vezes as crianças oferecem alguma mão-de-obra. A batata-doce em muitas partes da Tanzânia, incluindo a Zona do Lago, é caracterizada por sistemas de produção dominados pelas mulheres. Uma sondagem feita nos meados dos anos 90 em muitas regiões da Tanzânia mostrou que as mulheres são responsáveis por procurar uma terra adequada para plantar BD/SP, de obter material de plantio, as ramas da batata-doce, vender as ramas para alimentar os animais, plantar batata-doce e colhê-la. Tarefas que eram efectuadas em conjunto pelo homem e a mulher incluem a preparação da terra, e sachas em campos com consociação (veja figura 11.1). A comercialização era feita juntamente com o homem ou predominantemente por mulheres. Estudos realizados na Zona do Lago da Tanzânia em 2010 e 2011 confirmaram que a batata-doce ainda era vista como “uma cultura de mulheres”. Em algumas áreas, pessoas riem-se dos homens que plantam batata-doce. As mulheres eram os actores chave na preparação da terra, amontoas/camalhões, sementeira, sachas, colheita, venda e assegurar material de plantio. Algumas vezes os homens ajudavam na preparação da terra, amontoa/formação de camalhões e no transporte e na venda dos tubérculos da batata-doce no mercado local. A gestão local e troca de material de plantio da batata-doce era feita pela mulher e as ramas da batata-doce são consideradas pertença da mulher. Sabe-se que ocasionalmente os homens compram ramas da batata-doce. Ambos estudos de 1995 e de 2011 reportam que as mulheres tipicamente são auxiliadas por suas crianças nas suas actividades da batata-doce.



O estudo de 1995 concluiu que na Tanzânia aproximadamente todos os agregados entrevistados produziam batata-doce primariamente para o seu consumo, e alguns agregados também vendiam os tubérculos da batata-doce. Onde a batata-doce era comumente comercializada, tal como na zona leste e no distrito de Kiteto, os homens estavam mais envolvidos na produção e comercialização da batata-doce.

**Figura 11.1** Percentagem das diferentes actividades da batata-doce feitas pelas mulheres nas diferentes zonas da Tanzânia



Fonte: Adaptado de Kapinga et al., 1995

Mesmo quando os homens não providenciam a mão-de-obra na produção da batata-doce, eles jogam um papel crítico na sua produção alocando terra para as mulheres cultivarem a cultura, uma vez que tipicamente os homens são os proprietários da terra em muitas sociedades africanas.

Contudo, um estudo realizado em Maio de 2012 sugeriu que em algumas partes da Zona do Lago da Tanzânia a situação está a mudar rapidamente, com os homens tornando-se cada vez mais interessados e envolvidos na produção da batata-doce. Os homens estão agora contribuindo com mais mão-de-obra e trabalhando juntamente com as suas mulheres nos campos da batata-doce. Factores que contribuem para o aumento do envolvimento dos homens na produção da batata-doce incluem: declínio das colheitas das culturas tradicionalmente do homem tal como o milho e a mandioca devido a chuvas erráticas, doenças e pestes e declínio da fertilidade do solo; aumento da demanda da batata-doce e maior consciência do valor nutritivo da cultura devido a intervenções do projecto.

Em algumas partes da Nigéria, incluindo os estados de Ebonyi e Benue, a batata-doce é considerada uma cultura das mulheres. Quer os homens como as mulheres cultivam outras culturas de subsistência como os inhames (*yam* e *cocoyam* ou taioba) e a mandioca em machambas separadas. Um estudo realizado em Maio de 2013 em três comunidades do estado de Ebonyi descobriu que as mulheres são 60-85% dos produtores de batata-doce. A maior parte dos homens apenas começaram a produzir esta cultura aproximadamente em 2000 quando o acesso pela estrada e a comercialização melhoraram. Nas comunidades estudadas, a amontoa é uma tarefa exclusivamente executada pelos homens, enquanto que apenas as mulheres estão envolvidas na sachá. As mulheres tipicamente fazem a sachá nas machambas de batata-doce dos seus maridos que eles cultivam em consociação com hortícolas/vegetais e outras culturas menos importantes como uma forma de

poupar a mão-de-obra. As mulheres dependem dos seus maridos ou da contratação de mão-de-obra masculina para preparar o terreno. No estado de Ebonyi a batata-doce plantada por uma mulher tipicamente pertence a ela. As mulheres obtêm terra para cultivar dos seus maridos ou da família dele, das suas próprias famílias ou pela compra.

#### *Batata-doce como cultura do homem*

Em algumas áreas da África Subsaariana, tais como partes da Nigéria, os homens tradicionalmente produzem batata-doce auxiliados pelas mulheres e crianças. Nestas famílias de maioria muçulmana, os homens são tradicionalmente responsáveis por alimentar seus agregados; as mulheres podem ajudar a alimentar suas famílias se assim o decidirem.



#### *Batata-doce cultivada por ambos homens e mulheres*

A situação no Estado de Nassarawa, Nigéria mostra uma natureza dinâmica dos papéis e responsabilidades do género. Tradicionalmente, os homens cultivam as principais culturas alimentares incluindo o inhame, arroz e batata-doce. Nos últimos 10 anos, o aumento da demanda no mercado da batata-doce trouxe mudanças nos papéis tradicionais e responsabilidades relacionados com a produção da batata-doce nas áreas do Estado. Enquanto que os homens começaram a vender uma grande proporção da sua colheita de batata-doce, as mulheres decidiram cultivar a cultura nos seus campos para assegurar comida suficiente para o agregado e para ganhar algum rendimento para elas (Tabela 11.1).

**Tabela 11.1: Propriedade da terra e provisão de mão-de-obra por género em Obi LGA, Estado de Nassarawa, Nigéria, 2012**

Cultura	Quem gere?	Quem providencia mão-de-obra
Inhame ( <i>Yam</i> )	Homens	Homens + mão-de-obra masculina contratada
Vegetais	Homens/Mulheres Dependendo da época	Mulheres + crianças rapazes e raparigas
Taioba ( <i>Cocoyam</i> )	Mulheres	Mulheres + crianças + homens
Mandioca	Homens/Mulheres	Homens, mulheres+ crianças + mão-de-obra masculina contratada
Batata-doce	Principalmente Homens/ algumas mulheres	Homens + mulheres + mão-de-obra feminina contratada para colheita, descascar (para venda)
Milho	Homens	Homens + crianças rapazes e raparigas para transportar
Arroz	Principalmente Homens/ algumas mulheres	Homens + mulheres + mão-de-obra masculina e feminina contratada para transportar
Mapira	Principalmente Homens/ algumas mulheres	Homens + mulheres (para transportar e peneirar) + crianças
Mexoeira	Homens/Mulheres + família	Homens + mulheres+ crianças rapazes e raparigas
Gergelim	Homens	Homens + mulheres (para transportar)
Feijão nhemba	Principalmente Homens/ algumas mulheres	Homens + mulheres (para transportar)
Feijão jugo ( <i>Bambara nuts</i> )	Mulheres	Homens
Amendoim	Mulheres	Mulheres + homens (para amontoas e plantar) + crianças rapazes e raparigas
Soja	Principalmente mulheres / algumas Homens	Mulheres
Egusi	Mulheres	Mulheres + homens + crianças

Fonte: David and Madu, 2012

### *Processamento e comercialização da batata*

Tem havido uma limitada análise do género das outras partes da cadeia de valor da batata-doce. Em muitas partes da África Subsaariana, o processamento da batata-doce para o consumo caseiro e venda a retalho e a granel é feito por mulheres.

Um estudo sobre a cadeia de valor feito na Nigéria documentou uma clara divisão do género da mão-de-obra na comercialização da batata-doce, com os homens dominando o comércio a retalho e a grosso, enquanto as mulheres estavam concentradas na comercialização a pequena escala a retalho no mercado. Comerciantes do sexo masculino fazem em média um rendimento bruto de N 9,300 por semana, comparados com N 2,000 feitos por retalhistas femininos de pequena escala.

Um estudo na Zâmbia descobriu que as mulheres estavam envolvidas na cadeia de valor da batata-doce como produtoras quer no nível grossista como retalhista e principalmente nos mercados urbanos retalhistas. Quantidades importantes de batata-doce são transportadas por mulheres zambianas para Livingstone, Kazungula e Sesheke para vendas transfronteiriças no Botswana, Zimbabwe e Namíbia. Na Zâmbia a batata-doce é uma cultura de rendimento cada vez mais importante para as mulheres que vivem nas redondezas dos mercados urbanos e auto-estradas. Uma grande proporção dos agregados familiares chefiados por mulheres está envolvida na produção e venda de batata-doce.

## **11.4 Diferentes constrangimentos, necessidades e prioridades dos produtores e produtoras de batata-doce**

Porque homens e mulheres têm diferentes papéis e responsabilidades no agregado familiar e têm acesso desigual aos bens, recursos e oportunidades, eles se confrontam com diferentes constrangimentos em cultivar a batata-doce e muitas vezes têm diferentes necessidades e prioridades. Por exemplo, as mulheres nas áreas da Zona do Lago em Tanzânia identificaram a falta de mão-de-obra como o principal constrangimento que limita as dimensões das suas machambas/campos e contribui para a baixa produtividade. Por causa da sua posição de subordinação, as mulheres são incapazes de controlar a mão-de-obra masculina e mesmo em agregados com charruas, elas não têm acesso a esses implementos que são controlados pelos seus maridos. Em Obi e Adogi LGAs no estado de Nasarawa, na Nigéria, as machambas de batata-doce dos homens são maiores que as das mulheres porque os homens são “proprietários” da terra, enquanto as mulheres têm que depender do homem para serem alocadas terras, os homens têm acesso ao crédito e mão-de-obra comunitária e dedicam mais tempo à actividade de agricultura.

De igual modo, o estatuto de rico (categoria de renda), idade, etnicidade e outros factores afectam o acesso dos indivíduos e agregados a recursos produtivos tais como terra, mão-de-obra e água. Por exemplo, em Adogi LGA, as pessoas idosas gozando de um alto estatuto, usam as suas posições para ter acesso a terra próximo da bomba de água para produzir ramas de batata-doce.

Dependendo do envolvimento do homem e da mulher na produção e processamento da batata-doce, de quem consome a batata-doce e do grau de comercialização da cultura, produtores e produtoras da batata-doce têm diferentes preferências e interesses nas características das variedades. Ambos homens e mulheres se preocupam com a colheita e tamanho do tubérculo da batata-doce, doenças e resistência às pestes, grau de tolerância à seca mas as mulheres tendem a mencionar as qualidades culinárias tais como gosto dos tubérculos e das folhas da batata-doce, conteúdo de matéria seca, absorção do óleo de fritar, enquanto os homens tendem a enfatizar características que tornam a batata comercializável tais como o tamanho dos tubérculos da batata-doce.

## 11.5 Melhores práticas para incorporar os aspectos de género nos programas da batata-doce

As páginas que se seguem contêm sugestões que os agentes de desenvolvimento podem usar para incorporar o género nos programas de batata-doce. Também deve ser observado que cada tópico deste manual inclui uma secção que realça os aspectos de género e diversidade relevantes para esse tópico.

### Inicialização

- Antes de começar um programa de batata-doce, é importante fazer uma análise da situação do género para compreender de uma forma geral os papéis do género e responsabilidades. Idealmente, esta análise deve ser feita como parte de uma larga análise de situação ou avaliação das necessidades da comunidade. Os tópicos chave para a análise da situação do género devem ser:
  - Papéis e responsabilidades do género na agricultura e especificamente na produção da batata-doce. Se ambos homens e mulheres estão envolvidos numa determinada actividade determina a sua proporcionalidade (por exemplo, 50 :50 ou 90 :10 etc.) no respeitante a quem efectua essa actividade e quem toma as decisões nesta actividade.
  - Acesso a terra, mão-de-obra e outros recursos para a produção agrícola e produção de batata-doce em particular
  - Batata-doce e estratégias de meios de sustento (papel da batata-doce na segurança alimentar e geração do rendimento)
  - Poder e tomada de decisão dentro do agregado
  - Diferenças do género no conhecimento (variedades, doenças/pragas, métodos de plantio, atributos nutricionais, etc.) e práticas (produção de rama/ compra, mão-de-obra).

Os métodos para a análise da situação do género: entrevistas em grupo e informantes chave (veja o guião da análise de situação do género), com ambos homens e mulheres de diferentes idades e cultura geral, usando instrumentos do diagnóstico participativo rural (PRA) (por exemplo, priorização, calendários, transeptos dentro das comunidades, avaliação das categorias de renda, para compreender diferenças de riqueza e estatuto na comunidade).



*Tire algum tempo para entender os papéis e responsabilidade de género existentes ao longo da cadeia de valor da batata-doce no seu local de foco*

### *Direcionamento (grupo alvo)*

- Assegure-se de que a selecção dos participantes e os critérios para as actividades que requerem recursos específicos (p.e., terra, água, alfabetização) não excluem as mulheres. Por exemplo, onde as mulheres não têm acesso as tecnologias de irrigação para a multiplicação da rama, providencie crédito para elas de modo a que sejam capazes de comprar o equipamento necessário.
- Onde apropriado, use quotas.
- Tente e encoraje o estabelecimento de mecanismos que asseguram que os benefícios possam ser retidos pelos beneficiários que se pretendem.

### *Provisão de serviços e capacitação*

- Tecnologias relacionadas com a OFSP devem ser relevantes ao género e responderem de forma dinâmica as novas realidades. Estas intervenções também providenciam um ponto de entrada para a capacitação que promove o empoderamento das mulheres, educação e mudança de comportamento.
- Explore junto com o homem, mulheres, jovens e velhas produtoras, oportunidades de estratégias de comunicação que eles pensam que podem ser efectivas.
- Conceba programas de capacitação para capacitar mulheres, homens, jovens, velhos, produtores pobres e produtores de rendimento médio para que todos beneficiem da experiência de capacitação.
- Inclua uma vasta diversidade de participantes, e garanta que o critério de selecção e arranjos do curso não evitem ou reduzam a participação de um dado grupo. Por exemplo: assegure-se de que o horário do curso se ajusta aos deveres domésticos ou oferece formas de cuidar de crianças e evite a capacitação residencial para reduzir problemas associados ao género; que seja atractivo para os jovens que podem não ser proprietários de terra mas que podem oferecer outros serviços relacionados com a batata-doce às suas comunidades; critérios tais como mínimas dimensões de terra, ou níveis de educação que desfavorecem as mulheres e jovens não devem ser incluídos.
- Será que são necessários cursos separados para homens e mulheres, ou jovens ou os agregados mais pobres de forma a responder melhor às suas necessidades?
- Promova o curso de capacitação de tal maneira que ambos mulheres e homens possam ver as oportunidades (saúde, rendimento e mão de obra) que advirão da sua participação.
- Os instrutores não somente devem ser competentes tecnicamente como também devem ser fortes facilitadores que enfatizam as necessidades e aspirações das mulheres rurais, e não possuir assunções fixas acerca das normas do género. Quando se usa vários facilitadores, deve-se incluir uma mistura de homens e mulheres. Quando possível os facilitadores devem ter quer conhecimentos teóricos como práticos sobre os assuntos de género e deve ser incluída uma sessão sobre género e uso de técnicas participativas de facilitação em todos os cursos de pré-treinamento dos facilitadores.
- Os materiais de treinamento e facilitadores devem usar linguagem de género neutro (p.e. empreendedor em vez de homem de negócios) e não promover estereótipos. Vela a secção 1.3 para uma discussão mais profunda dos aspectos de género e diversidade género ao ajudar os adultos a aprender.

### *Desenvolvimento e teste de variedades*

- Os programas de melhoramento de batata-doce necessitam de compreender os papéis e responsabilidades do género na produção da batata-doce de forma a decidir com que produtores trabalhar quando desenvolver novas variedades e tecnologias. Se a batata-doce é maioritariamente produzida e vendida pelas mulheres, os melhoradores de plantas devem trabalhar mais com as mulheres produtoras para compreender as suas preferências em relação

as variedades e levar a cabo experimentos no campo do produtor. Se a cultura é maioritariamente vendida por homens comerciantes, os melhoradores de planta também devem envolver estes homens na avaliação das variedades.

- Uma vez que os programas de melhoramento têm um foco nacional, é importante que os melhoradores tenham uma compreensão geral dos papéis e responsabilidades do género em todo o país e devem ser capazes de monitorar as mudanças nos papéis do género ao longo do tempo. Uma forma rápida de obter informação sobre os papéis e responsabilidades do género é entrevistar os extensionistas (apesar de que se deve observar que nem todos extensionistas têm um entendimento exacto dos aspectos sócio-económicos das localidades onde trabalham). Tais informações podem ser usadas para produzir um mapa de género de batata-doce que mostra quem está envolvido na produção, processamento e venda da cultura em diferentes zonas do país.

Métodos: Análise de situação do género; selecção e avaliação participativa de variedades envolvendo produtores e comerciantes de ambos os sexos; mapeamento do género usando informantes chave.

- As mulheres e homens frequentemente estão interessados em diferentes características da batata-doce. Por exemplo, as mulheres tendem a se interessar mais pelas qualidades culinárias das raízes que os homens, como a menor absorção de óleo durante a fritura e a tendência das raízes cozinhadas de se desfazerem. Em situações em que os homens são responsáveis pela venda das raízes, eles estão provavelmente mais interessados nas características relacionadas com o mercado.
- Com base nas descobertas desta avaliação de necessidades, a análise da situação e as metas do projecto, os ensaios na machamba podem então ser desenvolvidos envolvendo um grupo diverso e representativo da comunidade em todos os estágios do planeamento e implementação. Os agricultores envolvidos nos ensaios devem ser seleccionados com base no género, em relação aos papéis que desempenham, nível de riqueza, etnia e idade. Isto não significa envolver apenas uma mulher ou homem. A proporção da representação de género deve representar aqueles que produzem batata-doce na comunidade. Isto também se aplica para assegurar que os agricultores seleccionados são representativos da estrutura de riqueza, p.e., 30% de agregados familiares pobres, 60% de agregados familiares de riqueza média e 10% dos ricos. Quando as mulheres são os principais produtores de batata-doce mas os homens contribuem com alguma mão-de-obra, é importante trabalhar directamente com as mulheres em vez dos homens na sua função de chefes do agregado familiar. No entanto, os seus maridos devem ser convidados para a reunião de planeamento para obter a sua aprovação e evitar quaisquer suspeitas sobre os ensaios propostos.
- Devem ser organizadas reuniões e actividades de campo em locais e momentos que sejam convenientes e seguras para os envolvidos, incluindo as mulheres.

### *Multiplicação de ramas*

- Efectuar uma rápida análise dos sistemas de sementes é um primeiro passo importante para decidir como conceber um sistema sustentável de sementes. Tal análise deve incorporar elementos de género constantes na análise de situação do género (veja o guião no Apêndice 11a). Especificamente, os seguintes tópicos devem ser tratados:
  - Práticas de multiplicação do material de plantação de batata-doce: diferenças de batata-doce entre homens/mulheres produtoras, análise de género na divisão de mão-de-obra, alocação de recursos, tomada de decisão; as diferentes estratégias que os agricultores usam para ter acesso aos materiais de plantação, que constrangimentos são enfrentados, como eles podem ser ultrapassados, e como os diferentes tipos de

agricultores podem lidar com o facto de não ter acesso a materiais de plantação suficientes.

- Explorar as percepções das produtoras e dos produtores sobre as qualidades de um bom multiplicador de rama da batata-doce e de um bom sistema de sementes
- Que recursos usam os multiplicadores femininos e masculinos para a conservação e multiplicação de ramos?
  - Quem tem acesso a estes recursos em termos de género, riqueza, estatuto etc?
  - Com que constrangimentos se confrontam as mulheres em aceder a estes recursos?
  - Que estratégias seriam necessárias para assegurar que a mulher aceda aqueles recursos?
  - O que as mulheres e homens multiplicadores precisam para alcançar mais clientes?

Métodos: Use uma mistura de inquéritos qualitativos tais como: guião/ entrevistas semi-estruturadas com grupos focais e informantes chave desagregados por género do produtor (as ramos existentes e possivelmente outras culturas) multiplicadores, extensionistas, trabalhadores das ONGs, comerciantes de batata-doce, observação, calendários, visitas ao campo/transeptos; e equipas interdisciplinares.

- Os critérios de selecção dos MRDs/DVMs precisam ser avaliados para entender se eles inadvertidamente levaram à exclusão de qualquer tipo de pessoas (p.e., critérios relacionados com alfabetização, propriedade da terra, necessidades de mão-de-obra, organização de capacitação que exclua as mulheres), e se assim for, é o caso de ajustar os critérios para os tornar mais inclusivos (p.e., se os MRD/DVMs podem excluir grupos de agricultores existentes iria ajudar resolver alguns destes assuntos).

### *Maneio da cultura*

- Como parte da análise da situação de género é importante descobrir como o entendimento sobre as pragas e doenças e práticas de maneio da cultura variam entre os diferentes grupos da comunidade (homens, mulheres, jovens agricultores, diferentes grupos étnicos, etc.). O entendimento diferente pode ser devido a experiências que eles tiveram quando produziam a batata-doce, os recursos aos quais eles têm acesso, as suas redes de informação e acesso a capacitação, a importância da batata-doce no seu sustento.
- Como anteriormente explicado, é importante para os agentes de desenvolvimento entenderem quem tipicamente realiza quais aspectos da produção e maneio da batata-doce, quando estas actividades são realizadas, que constrangimentos são tipicamente enfrentados por aqueles que os realizam, e quais actividades há que competem por aquela mão-de-obra ou pela própria terra; e a que vias de informação as diferentes pessoas tem acesso. Por exemplo, se as mulheres estiverem tipicamente envolvidas na monitoria, sacha e colheita da cultura batata-doce, elas podem ter uma grande experiência na observação do comportamento das pragas no campo ou nos padrões de dispersão das doenças, e podem ter avaliado diferentes práticas de maneio das pragas. Se os homens participaram em capacitações da extensão sobre o maneio de pragas e doenças, eles podem ter conhecimento sobre as estratégias apropriadas de maneio das pragas. O calendário de cultivo de género no Apêndice 11b pode ser uma ferramenta útil para desenvolver este entendimento.
- Também é importante entender quem possui, controla o acesso e toma as decisões sobre os recursos necessários para a produção da batata-doce. Isto vai incluir a área de terra onde a batata-doce é produzida, a ordem de prioridade no plantio e cuidados com as diferentes culturas, se a batata-doce por ser consociada, a mão-de-obra disponível para actividades como a preparação do terreno, formação de camalhões, plantação, colheita, transporte e processamento, acesso à irrigação para preservar os materiais de plantação, acesso a estrume

ou fertilizantes, e quem mantém ou pode decidir sobre o uso de qualquer renda gerada pela venda da batata-doce.

- Estes factores são todos relevantes para decidir que tipo de informação se partilha, com quem a partilhar, que grupo alvo, que vias de informação a usar para os alcançar e quando. A importância que se percebe que uma cultura tem para o sustento local (que pode diferir de acordo com o tipo de agregado familiar e entre homens e mulheres), vai influenciar os níveis de investimento que os agricultores estão preparados a fazer em termos de tempo e recursos.
- Esta informação pode depois ser usada para desenvolver um programa de capacitação, orientado para aqueles que realizam as actividades de cultivo durante os períodos em que ocorrem as pragas e doenças ou outras estratégias de manejo e aqueles que tomam as decisões em relação ao que precisa ser feito no campo ou armazém. Por exemplo, muitos agricultores não conhecem os diferentes estágios do ciclo de vida dos insectos ou como são transmitidas as doenças; ao partilhar este conhecimento e ajudar os agricultores a fazer as observações relevantes pode-se empoderá-los para que possam a experimentar diferentes práticas. Em algumas situações as mulheres podem ter acesso limitado a áreas irrigadas nas quais se pode preservar e produzir materiais de plantação saudáveis, o que resulta no atraso da plantação, uso de materiais de plantação infectados, baixos rendimentos, colheita atrasada e infestação de gorgulho. Ao ajudar estas mulheres e seus maridos a experimentar o uso de materiais de plantação saudáveis, pode-se ajudar a influenciar a tomada de decisões sobre a conservação e qualidade do material de plantação e contribuir para uma maior produtividade e redução das perdas do agregado familiar.
- Os pesticidas são venenos e as crianças devem ficar longe deles. É geralmente recomendado que as mulheres e crianças não devem estar envolvidas na aplicação de pesticidas, porque as mulheres podem estar grávidas ou a amamentar, e são normalmente as responsáveis pelo preparo dos alimentos. Deve-se tomar cuidado no armazenamento dos pesticidas e deve-se assegurar que eles não são armazenados em recipientes de comida ou bebida que as crianças ou adultos possam consumir acidentalmente.
- Na maior parte da África Subsaariana, considera-se que os homens são os proprietários da terra e tomam todas as decisões sobre a alocação da terra mesmo quando a cultura como a batata-doce é maioritariamente cultivada e controlada pelas mulheres. É crítico que os agentes de desenvolvimento sejam sensíveis ao controlo masculino sobre a terra e assegurem-se de que os homens são consultados sobre as actividades do projecto mesmo quando eles não estão directamente envolvidos.

#### *Manejo pós-colheita, processamento e utilização*

- Atenção deve ser dada às funções de género na pós-colheita e como o processamento as pode afectar, incluindo se o equipamento é apropriado e se a introdução de máquinas ou tecnologias vai afectar as funções de género e os benefícios da renda de alguma forma.
- As necessidades nutricionais incluindo a necessidade de vitamina A e preferências de alimentos podem variar com a idade, sexo e carga de trabalho. Algumas receitas de batata-doce podem ser mais apelativas para certos grupos, é importante procurar a cultura alimentar local e ver como novas receitas nutritivas podem ser combinadas com as existentes.
- Deve ser dada atenção não só em transmitir informação apropriada e prática para aqueles que estão envolvidos na preparação dos alimentos (mães, mulheres) ou que realizam a actividade de pós-colheita ou processamento, mas também àqueles que controlam o acesso aos materiais que vão ser usados na preparação da comida (os maridos) e aqueles que influenciam os padrões de consumo (avós, maridos, comerciantes, líderes comunitários). O momento, duração, localização, língua usada, abordagem e composição dos participantes dos eventos de capacitação precisam ser considerados para assegurar que certos grupos não sejam mesmo sem intenção impedidos de ter acesso a estes eventos.

### *Segurança alimentar, comercialização e tomada de decisões*

- É importante que os agentes de desenvolvimento entendam quem está tipicamente envolvido em que aspectos da cadeia de valor da batata-doce, assim como o que ele(a)s fazem, quando e como, e que constrangimentos eles tipicamente enfrentam. Para além de entender quem faz que tarefas é também importante entender quem toma as decisões, e quem colhe que benefícios em cada estágio da cadeia de valor.
  - À medida que a demanda do mercado da BDPA/OFSP cresce, deve-se encontrar abordagens que apoiem as actividades de produção de ambos géneros de maneira que as mulheres não sejam sujeitas à produção de subsistência da BDPA/OFSP, usando-a apenas para o consumo do agregado familiar, mas que tenham uma igual oportunidade de se engajarem na produção comercial.
  - A nível do agregado familiar é importante encontrar abordagens que podem ajudar a assegurar que quantidades suficientes da BDPA/OFSP colhida sejam alocadas ao consumo do agregado e que o rendimento resultante das vendas seja distribuído de forma justa.
- Métodos para entender as funções de género na cadeia de valor e assegurar uma justa tomada de decisão dentro do agregado familiar: análise da cadeia de valor com sensibilidade de género combinada com um exercício participativo sobre quais são os benefícios e desafios das mulheres que desempenham diferentes funções na cadeia de valor; capacitação quer dos homens como das mulheres no planeamento da segurança alimentar e na tomada de decisões. É importante ter consciência das típicas estratégias de acesso aos alimentos, quem está envolvido na tomada de decisão e no fazer de facto das diferentes estratégias (produção, compra, empréstimo, etc.) e que critérios eles usam.

### *Mensagens nutricionais sobre a Vitamina A*

- As necessidades nutricionais de vitamina A variam com a idade, sexo e carga de trabalho.
- Quando se trabalha com a BDPA/OFSP, é crítico desenvolver mensagens nutricionais que focam em como a BDPA/OFSP fornece a Vitamina A e reduz deficiências entre as crianças de tenra idade e mulheres grávidas e que se encontram a amamentar as crianças.
- O conteúdo das mensagens de nutrição deve ser específico ao género e a cultura local. É importante entender as práticas e crenças nutricionais locais e como elas podem ser combinadas com melhores comportamentos e resultados nutricionais.
- Ambas mensagens, sobre nutrição e produção, devem ser direccionadas às mulheres, usando uma combinação de abordagens que incluem a comunicação para a mudança de comportamento.
- As mensagens de nutrição devem também ter como alvo os homens pois eles jogam um papel importante na decisão das práticas de alimentação das crianças, compra de alimentos e no uso de serviços de saúde. As avós, comerciantes, líderes locais também podem ser influentes em relação aos comportamentos nutricionais e alimentares e pode valer a pena envolvê-los para ajudar a aumentar a consciencialização e compreensão nutricional para conseguir uma mudança de comportamento.
- É importante monitorar e avaliar as actividades de nutrição para aprender se as mensagens e actividades promocionais estão a ser correctamente entendidas, e utilizadas pelas audiências alvo para as quais foram desenvolvidas; e se não forem, que mudanças são necessárias para melhorar a sua efectividade.



### *Criação da demanda e promoção*

- É importante estar consciente das diferenças entre homens e mulheres em termos de disponibilidade e tempos livres, mobilidade (capacidade de viajar), escolaridade e acesso aos canais de informação tais como rádio e televisão.
- Reuniões comunitárias e posters publicitários são um bom meio de fornecer informação às comunidades mas é importante ter estas reuniões num tempo que seja conveniente para as mulheres. Um esforço especial deve ser feito para as mulheres participarem nas reuniões.
- Use as escolas para aumentar a consciencialização acerca da BDPA/OFSP ou novas variedades de BD/SP entre crianças que levarão a mensagem para casa. As mulheres podem ser registadas através das suas crianças para receber ramos da batata-doce.
- Use feiras e promoções para aumentar a consciencialização de ambos homens e mulheres.
- Faça publicidade dos dias da disseminação de ramos, de acordo com meta de género p.e., nos pontos de colecta de água e outras áreas onde as mulheres se juntam, nos bares e locais das reuniões dos homens.
- Apesar de o rádio ser um canal barato para disseminar largamente a informação, muitas vezes as mulheres não têm tempo para ouvir rádio ou não têm um.
- Uma vez que as mulheres tendem a ser menos escolarizadas que os homens, os materiais escritos tendem a ser direccionados para os homens.

### *Monitoria e avaliação*

- Mulheres e homens têm diferentes prioridades de desenvolvimento, necessidades e constrangimentos, e portanto são afectados de forma diferente pelos projectos, programas e políticas.
- A recolha sistemática e atempada de informação desagregada por sexo ajuda a informar os gestores e outras partes interessadas se a intervenção está a beneficiar quer os homens como as mulheres. Esta informação permite um refinamento apropriado do desenho do projecto para melhorar a efectividade geral do desenvolvimento, quando é identificado um impacto adverso em qualquer um dos sexos.
- O interesse nos aspectos de género e diversidade dos resultados e impactos do projecto precisa começar no início do projecto, o género deve estar integrado ao longo da lógica do projecto.
- Questões subsequentes de avaliação podem visar entender:
  - Em que medida a intervenção aumentou a participação das mulheres nas actividades económicas da batata-doce?
  - Em que medida a intervenção reduziu a incidência da deficiência de vitamina A em crianças menores de 5 anos (meninos e meninas)?
  - Em que medida a intervenção aumentou a consciencialização da importância do consumo de alimentos ricos em vitamina A em crianças, mulheres grávidas e a amamentar e entre as avós?
  - Em que medida a intervenção influenciou as mudanças institucionais que apoiam o progresso das mulheres?
  - Em que medida a intervenção ajudou a reduzir as disparidades de género e diversidade nos sectores de saúde e agricultura?
- Alguns dos desafios de género enfrentados na MeA/M&E incluem: a suposição de que os enquadramentos de MeA/M&E são neutros em termos de género; inclusão inadequada dos aspectos de género durante o planeamento inicial do projecto; limitada consciencialização de género e pessoal de MeA/M&E; barreiras à participação livre e aberta de respondentes de sexo feminino devido à baixa representação das mulheres nas equipas de avaliação e entrevistas.

## 11.6 Referências Bibliográficas

- Badstue, L., Adam, R., (2011). Gender and Vines: Production, management and exchange of sweetpotato planting material among smallholders in the Lake Victoria Region of Tanzania. pp35. Helen Keller International.
- Benjamin, M. David, S., (2012). Report on an assessment of changes in knowledge, attitude and practice related to demand creation activities around sweetpotatoes in the Lake Zone of Tanzania. Unpublished report, Helen Keller International, Dar-es-Salaam, Tanzania.
- David, S., Madu, T., (2012). A gender situation analysis of sweetpotato production in Nassarawa State, Nigeria. Unpublished report, Reaching Agents of Change (RAC) Project, Nairobi, Kenya.
- David, S., Madu, T., (2013). A gender situation analysis of sweetpotato production in Kwara, Nassarawa and Ebonyi States, Nigeria. Unpublished report, Reaching Agents of Change (RAC) Project, Nairobi, Kenya.
- FAO, (2011). The State of Food and Agriculture: Women in Agriculture, closing the gender gap for development. Rome, Italy.
- Kapinga, R., Ewell, P.T., Jeremiah, S.C., Kileo, R., (1995). Sweetpotato in Tanzania farming and food systems: Implications for Research. CIP and Ministry of Agriculture, Tanzania. pp57.
- Kirimi, S., Wanbugu, S., Low, J., McEwan, M., (2011). Lake Zone baseline survey report. SASHA Project, CIP, Nairobi, Kenya.
- McEwan, M., David, S., (2012). Testing delivery systems for the distribution of quality sweetpotato planting material at scale: Case study material. Gender and Agriculture Community of Practice in Tanzania, 28-29th March 2012, Dar es Salaam. 12pp.
- Onumah, G., Dipeolu, A., Fetuga, G., (2011). Report on Sweetpotato value chain study: exploring opportunities to promote greater exploitation of the benefits of sweetpotato in Nigeria. Draft report prepared for the International Potato Centre.
- Jiggins, J., Samanta, R.K., Olawoye, J.E., (2000). Improving Women Farmers' Access to Extension Services. In: Improving Agricultural Extension: A Reference Manual (FAO, 1997). SF, FAO, Rome.  
<http://www.fao.org/sd/EXdirect/EXan0039.htm>
- Low, J., *et al.*, (não datado). Module 12 - Innovative Activity Profile 1: Mozambique Promoting Orange Fleshed Sweetpotato.
- RAC (2012). Why do women matter in OFSP programs? Project factsheet, Nairobi, Kenya
- Rozel Farnworth, C., Akamandisa, V.M., Hicaambwa, M., (2011). Zambia Feed the Future Gender Assessment. USAID report. 64pp.
- SASHA (2011). Addressing gender in SASHA. Project flyer, Nairobi, Kenya
- SDC, (2005). Gender and training: mainstreaming gender equality and the planning, realisation and evaluation of training programmes. Switzerland; SDC. 23pp.
- UNHCR (2010). Preliminary Study of the Human Rights Council Advisory Committee on Discrimination in the Context of the Right to Food, 13th Session, UN Human Rights Council, February 2010.  
<http://www2.ohchr.org/english/bodies/hrcouncil/docs/13session/A-HRC-13-32.pdf>
- World Bank, (undated). Module 4: Monitoring and evaluation of gender dimensions.  
<http://info.worldbank.org/etools/docs/library/192862/Module4/ppts/PPTsforModuleIV.pdf>



*[Branco de propósito – não remova]*

# TÓPICO 12: MONITORIA DA DISSEMINAÇÃO E CONSUMO DA BATATA-DOCE DE POLPA ALARANJADA

EM

## TUDO O QUE SEMPRE QUIS SABER SOBRE A BATATA-DOCE

Conteúdos

<b>TOPICO 12: MONITORIA DA DISSEMINAÇÃO E CONSUMO DA BATATA-DOCE DE POLPA ALARANJADA ..</b>	<b>327</b>
12.1 MONITORIA E AVALIAÇÃO .....	327
12.2 DESENVOLVENDO UM SISTEMA DE M&A PARA UM PROJECTO DE BATATA-DOCE .....	329
12.2.1 <i>Compreendendo a lógica do projecto</i> .....	329
12.2.2 <i>Desenhando um sistema de M&amp;A/ de um projecto</i> .....	330
12.3 COMO MONITORAR UM PROJECTO DE BATATA-DOCE? .....	332
12.3.1 <i>Abordagens e ferramentas para a monitoria</i> .....	332
12.3.2 <i>Desenvolvendo indicadores</i> .....	332
12.3.3 <i>Amostragem</i> .....	335
12.4 COMO AVALIAR UM PROJECTO DE BATATA-DOCE.....	335
12.5 FERRAMENTAS E EXEMPLOS DA MONITORIA DA DISSEMINAÇÃO E CONSUMO DA BATATA-DOCE .....	336
12.5.1 <i>A disseminação do material de plantação dos processos de multiplicação em massa</i> .....	338
12.5.2 <i>A disseminação do material de plantação usando o sistema de senhas</i> .....	340
12.5.3 <i>Monitorando o desempenho do material de plantação disseminado</i> .....	343
12.5.4 <i>Monitorando o uso do material de plantação disseminado</i> .....	343
12.5.5 <i>Monitorando quem recebeu a capacitação sobre a batata-doce e o que planeiam fazer com o que aprenderam</i> .....	343
12.6 ASPECTOS DE GÉNERO E DIVERSIDADE NA M&A DA BATATA-DOCE .....	348
12.7 IDEIAS PARA A MONITORIA DA DISSEMINAÇÃO DA BATATA-DOCE DE POLPA ALARANJADA APRENDER-FAZENDO ACTIVIDADES .....	350
12.7.1 <i>Para onde foi o material de plantação da batata-doce de polpa alaranjada que foi disseminado?</i> .....	350
12.8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	351

## Tópico 12: Monitoria da disseminação e consumo da batata-doce de polpa alaranjada

### 12.1 Monitoria e avaliação

Monitoria e avaliação (M&A) são processos que ajudam você e os outros a saber sobre o progresso do projecto, se o projecto está a cumprir os planos de acção e a alcançar os objectivos pretendidos, se é necessário fazer mudanças, para avaliar se os investimentos feitos têm valor/utilidade, e saber se o projecto está “fazendo diferença”.

Os termos monitoria e avaliação, são geralmente usados incorrectamente para dizer a mesma coisa. Apesar de serem relacionados, os dois termos não são idênticos. Os elementos chave e as diferenças entre monitoria e avaliação são realçados na Tabela 12.1.

**Tabela 12.1 Elementos chave e diferenças entre monitoria e avaliação**

Monitoria	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"><li>• Levantamento e análise de dados, de uma forma sistemática e contínua, durante a implementação de um projecto</li><li>• É feita durante a implementação do projecto para a melhoria da concepção e funcionamento do projecto (eficiência e efectividade)</li><li>• É tipicamente baseada na definição de metas e actividades planeadas durante a fase de planificação do trabalho</li><li>• Providencia as primeiras indicações do progresso e alcance dos objectivos planificados</li><li>• Mede os produtos do projecto</li><li>• Possibilita a equipa do projecto determinar se os recursos e a capacidade que têm são suficientes, apropriados e estão a ser bem aplicados</li><li>• Pode ajudar a alertar os gestores sobre as coisas que não estão a correr bem</li><li>• É realizada com maior frequência do que a avaliação</li><li>• Pode ser usada como base para a avaliação</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Comparação dos impactos do projecto com os planos estratégicos</li><li>• Pode ser <u>formativa</u> (ocorrendo durante a vida do projecto, com o objectivo de melhorar a estratégia ou o funcionamento do projecto) [parecido a um <i>diagnóstico</i>]</li><li>• Pode ser <u>sumativa</u> (tirar lições sobre todo o projecto) [parecido a uma <i>autópsia</i>]</li><li>• Examina os resultados a longo prazo</li><li>• Identifica como e porquê as actividades foram bem sucedidas, falharam ou foram modificadas</li><li>• Estuda o resultado dum projecto com o objectivo de informar a concepção de futuros projectos</li><li>• Para uma avaliação efectiva deve-se fazer um levantamento de base no início do projecto</li></ul>

Ambos, monitoria e avaliação focalizam na aprendizagem sobre o que está a ser feito e como está a ser feito.

Recapitulando:

- *Monitoria* é um processo sistemático de recolha, análise e uso da informação com o propósito de gestão e tomada de decisões que acompanha a implementação de uma acção, projecto ou programa. As suas metas são: a) assegurar que os insumos, calendários de trabalho e resultados estão e decorrer de acordo com o plano (em outras palavras que a implementação

está em curso); b) para fornecer um registo do uso dos insumos, actividades, e resultados e c) para avisar sobre desvios dos resultados esperados

- *Avaliação* é o processo sistemático de recolha e análise de informação que determina em que dimensão uma acção ou projecto ou programa alcançou os seus definidos objectivos e metas. É uma avaliação periódica para explicar os resultados e efeitos de uma acção. Ela avalia a relevância, eficiência, eficácia, sustentabilidade e impacto dos resultados entregues para os efeitos/propósitos.
  - *Relevância* refere-se à adequação dos resultados em relação aos efeitos/propósitos.
  - *Eficiência* refere-se à relação custo-eficácia das actividades em oferecer os resultados esperados.
  - *Eficácia* refere-se ao grau em que o propósito foi alcançado.
  - *Sustentabilidade* refere-se à dimensão na qual os benefícios continuam depois da assistência de desenvolvimento externa ter terminado.
  - *Impacto* avalia o valor do propósito alcançado em relação à meta. Refere-se ao efeito do projecto num ambiente mais amplo e a sua contribuição para o objectivo geral do projecto.

Dentro dos projectos de promoção da batata-doce (que podem estar focados em vários objectivos como o aumento do acesso dos pequenos agricultores a material de plantio saudável, ou uma melhor nutrição do agregado familiar e geração de renda), a M&A tem um papel principal na responsabilidade, tomada de decisão e aprendizagem.

#### **Responsabilidade (na prestação de contas)**

- Relatórios de rotina – *eficiência no uso dos insumos*
- Avaliação do impacto – *eficácia em dar resultados e no alcance dos objectivos*

#### **Tomada de decisão e aprendizagem**

- Melhoria da implementação – *acção correctiva conforme necessário*
- Revisão periódica – *para avaliar a contínua relevância dos objectivos do projecto*
- Melhoria do planeamento – *com base nas lições aprendidas*

- *Prestação de contas* (ou “*accountability*”, em inglês) refere-se à responsabilidade de um indivíduo ou de uma organização de prestar contas sobre o uso adequado dos recursos. Exigências de prestação de contas têm sido tradicionalmente cumpridas por meio de relatórios periódicos sobre o uso de recursos e actividades; no entanto, há uma procura crescente para uma maior eficácia na obtenção dos resultados esperados.
- A M&A deve ajudar na *tomada de decisões* durante o planeamento, implementação e revisões periódicas das actividades. A *tomada de decisões* refere-se ao processo pensado de identificação e selecção de um rumo de acções entre várias alternativas. Ela reduz a incerteza pesando os aspectos positivos e negativos de cada opção facilitando então a escolha das melhores opções. A M&A deve então fornecer oportunidades para todos os envolvidos no projecto para que aprendam sobre os impactos das suas actividades no projecto a partir de perspectivas de outras pessoas. Este conhecimento e entendimento melhorados podem depois ser usados para ajudar a direccionar as actividades em diferentes sentidos ou direcções como for necessário para melhorar os impactos das actividades na perspectiva dos beneficiários e outros intervenientes. A inclusão num projecto da *aprendizagem participativa e reflexão* pode ajudar a melhorar a relevância do projecto pelos beneficiários e outros intervenientes locais e desta forma melhorar a sustentabilidade do projecto.
- *Prestação de contas, tomada de decisões e aprendizagem* devem estar ligados. Por exemplo, a informação fornecida por um cientista ou organização para cumprir os requisitos de responsabilidade na prestação de contas pode ser usada pelos gestores em níveis mais elevados para determinar o futuro rumo das acções no projecto focal ou outros projectos similares.

- Um projecto em curso é supervisionado para assegurar que os calendários para os insumos, actividades e resultados estejam dentro do que foi definido; e permitir aos gestores que corrijam os problemas de forma atempada. Os sistemas de M&A devem cumprir as necessidades de responsabilidade e tomada de decisões.

## 12.2 Desenvolvendo um sistema de M&A para um projecto de batata-doce

A monitoria e avaliação não devem ser pensadas como assuntos que apenas acontecem quando os doadores insistem sobre eles, elas são ferramentas valiosas de gestão interna para assegurar que os recursos do projecto (pessoal, tempo, fundos, equipamento) são usados eficientemente e eficazmente e para aprender como fazer melhor as coisas.

### 12.2.1 Compreendendo a lógica do projecto

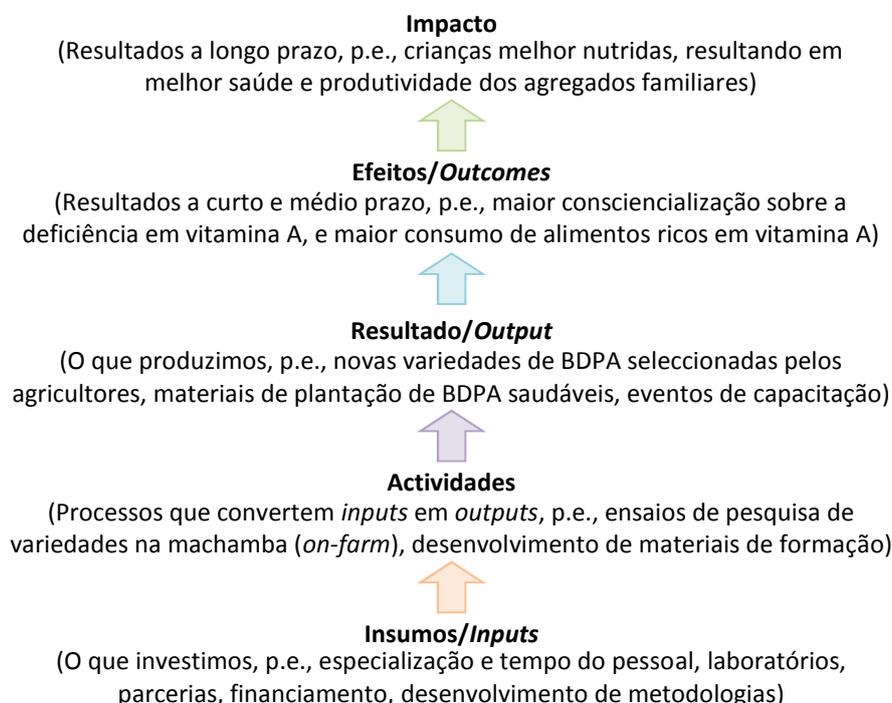
Para desenhar um sistema de M&A significativo, você precisa estar familiarizado com a lógica do projecto. Precisa saber o que a equipe de planificação pretendia que acontecesse quando foi desenhado o projecto, quais as ligações previstas entre cada elemento (insumos ou *inputs*, resultados ou *outputs*, efeitos ou *outcomes*, impactos) da lógica do projecto. Um exemplo da lógica de um projecto de nutrição da batata-doce é mostrado na Figura 12.1.

De forma breve:

- *Insumos ou Inputs*: Que recursos financeiros, materiais e humanos você vai precisar para fazer o trabalho? Isto pode incluir pessoas, parceiros, equipamento e custos operacionais. A M&A é importante para avaliar que recursos são alocados de forma adequada para obter os objectivos desejados (p.e., pessoal com habilidades no melhoramento da batata-doce, habilidades de treinamento e habilidades de género); se os recursos foram alocados e dispendidos nas actividades alvo; e se a alocação de recursos está a atingir os resultados desejados.
- *Actividades*: Quais são os processos (tarefas/serviços) que convertem os insumos/*inputs* em resultados/*outputs* (contratação de pessoal, reuniões, ensaios de campo, desembolso dos fundos, etc.)? Que actividades de M&A são necessárias para saber se as actividades são eficientes e contribuem para os objectivos desejados (p.e., se os agricultores estão envolvidos na selecção das variedades de BDPA/OFSP, se as mulheres, tal como os homens foram consultados).
- *Resultados ou Outputs*: Estes são os produtos e serviços produzidos (que podem ser entregues) das suas actividades. Alguns resultados podem ser tangíveis (palpáveis) e físicos. Os resultados tangíveis iriam incluir uma nova variedade de BDPA ou um novo tipo de equipamento de campo (da machamba); enquanto que os resultados não tangíveis podem incluir uma nova politica, publicação ou estudo. Note que em todos casos, o resultado é sempre algo “novo”, no sentido em que não estava ali antes. O resultado por si só não pode alcançar o objectivo (propósito) do projecto. Mas vai contribuir para ele.
- *Efeitos ou Consequências ou Outcomes*: Quais são os resultados a médio/curto prazo? Os efeitos/*outcomes* são os resultados que seriam necessários para atingir os objectivos operacionais. Pode haver muitos efeitos e é necessário seleccionar e priorizar que efeitos podem ser medidos. Por exemplo, para aumentar a renda das mulheres produtoras de batata-doce, o projecto precisa visar: aumento da produtividade através de fornecimento de materiais de plantação saudáveis, melhorar as habilidades/capacidades através de cursos de capacitação; fortalecimento do capital social através de grupos de trabalho ou associações, ou melhoria da capacidade de negociação.
- *Impacto*: Quais são os resultados de longo prazo? Estes frequentemente são difíceis de medir durante a duração do projecto e estão frequentemente relacionados as metas de longo prazo e não as metas alcançáveis em médio e curto prazos. Haverá provavelmente outros factores contribuindo para o alcance das metas em geral. Os impactos frequentemente exigem uma

mudança sustentável de comportamento, e podem ser medidos com avaliações qualitativas. Muitos sistemas de M&A dos projectos focam portanto no nível dos efeitos/*outcomes*.

**Figura 12.1 Definindo a lógica do projecto**



### 12.2.2 Desenhando um sistema de M&A/ de um projecto

Seis passos para desenhar um sistema de M&A para um projecto de batata-doce são mostrados na Tabela 12.2.

**Tabela 12.2 Seis passos para estabelecer um sistema de M&A**

Passo	Elemento de desenho	Descrição
1	<b>Fase preliminar:</b> Como você se prepara para dar início à sua função de M&A? Âmbito e propósito	Os documentos de proposta do projecto normalmente contêm uma breve descrição sobre como o projecto pretende gerir os seus elementos de M&A. Portanto, depois de o seu projecto ser financiado, você precisa de: <ul style="list-style-type: none"> <li>o Conduzir uma avaliação da capacidade de M&amp;A das organizações parceiras (no caso de um projecto com múltiplos parceiros)</li> <li>o Esboçar uma política de avaliação para a sua organização</li> <li>o Desenvolver um plano de M&amp;A. Isto deve incluir a sua “teoria de mudança” (p.e., usando a lógica do projecto, que <i>inputs</i> levam a que actividades, quais resultados se espera que estas actividades vão gerar, que efeitos estes resultados vão causar, e que impactos vão provavelmente resultar destes efeitos (ver a figura 12.1), os indicadores do projecto (ver a secção 12.3.2, mais abaixo), o desempenho da matriz de M&amp;A, funções e responsabilidades, esboce planos de trabalho individualizados para os parceiros (com marcos claros e que possam ser entregues) e orçamento</li> </ul>
2	<b>Reunir informação dos indicadores e alvos</b>	Durante esta fase: <ul style="list-style-type: none"> <li>o Conduza um inquérito/levantamento de base (<i>baseline survey</i>) incluindo um comprovante concreto (especialmente em casos de desenho de projectos de</li> </ul>

		Ensaio Randomizados Controlados )
		<ul style="list-style-type: none"> <li>o Finalize a política de avaliação em consulta com os parceiros</li> <li>o Finalize os planos de trabalho dos parceiros incluindo alvos claros, mensuráveis, acompanhados de estimativas anuais de orçamentos</li> <li>o Preencha a matriz/enquadramento de desempenho da M&amp;A com dados de base para cada indicador e alvos</li> <li>o Crie capacidade nos parceiros e seu pessoal para realizar funções de M&amp;A baseadas em resultados (baseados no efeito/<i>outcome</i> do exercício de avaliação de capacidade na fase 1 acima mencionada)</li> </ul>
3	Operacionalize os mecanismos de <b><u>monitoria</u></b>	<p>Durante esta fase:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>o Desenvolva ferramentas para facilitar a recolha de informação de rotina para seguir o progresso dos indicadores (ver os exemplos das ferramentas no 12.5)</li> <li>o Treine o pessoal, parceiros e beneficiários sobre como usar as ferramentas</li> <li>o Estabeleça e operacionalize mecanismos eficientes de recolha e análise de dados</li> <li>o Implemente um mecanismo de relatórios de progresso</li> </ul>
4	Operacionalize os mecanismos de <b><u>avaliação</u></b>	<p>Avalie objectiva e sistematicamente a extensão na qual o projecto está a alcançar as suas metas e objectivos. Com um foco em:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>o Gerando lições aprendidas para melhorar a programação para melhores resultados, e para fazer mudanças nas actividades actuais do projecto.</li> <li>o Documentando as histórias de sucesso e melhores práticas para repetição.</li> <li>o Demonstrando responsabilidade na prestação de contas (<i>accountability</i>)</li> </ul> <p>Portanto:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Conduza levantamentos de base concretos</li> <li>Considere revisões/avaliações internas</li> <li>Conduza uma avaliação de médio prazo objectiva</li> </ul> <p><i>NB: Re-pense/reveja os indicadores e planos com base nos efeitos destas avaliações</i></p>
5	Planifique para um mecanismo de <b>comunicação e relatórios</b> atempados e de qualidade	<p>Isto deve idealmente ser transversal para as 6 fases. Os relatórios/prestação de contas (que podem ser relatórios de actividades, de progresso, relatórios financeiros, etc.) são ferramentas básicas para a monitoria. No entanto, sem uma estratégia de comunicação, os relatórios podem ser contra-produtivos e muitas vezes consomem horas valiosas dos recursos humanos. Uma estratégia de comunicação vai ajudar a sua organização a planificar que informação colocar no relatório, a quem, porquê e quando.</p>
6	Planeie <b>processos e eventos de reflexão crítica</b>	<p>Este aspecto é essencialmente importante para os projectos com múltiplos parceiros. A ideia é de que a M&amp;A não é uma finalidade por si só e que os proprietários do sistema são os implementadores e beneficiários do projecto. Portanto estabeleça mecanismos como eventos conjuntos de monitoria/aprendizagem/reflexão, reuniões de revisão periódicas (de quatro em quatro meses) e avaliações de qualidade dos dados.</p>

## 12.3 Como monitorar um projecto de batata-doce?



*Monitoria para descobrir onde os materiais de plantação foram plantados, qual o seu desempenho e de que forma estão a ser usados pelos diferentes membros do agregado familiar*

### 12.3.1 Abordagens e ferramentas para a monitoria

Existe uma grande variedade de abordagens, técnicas e ferramentas de M&A. Estas podem incluir combinações de: observação registada, revisão de diários (escritos ou orais, vídeo), *workshops* com diferentes intervenientes, levantamento de amostras, revisão sistemática de estatísticas oficiais, modelos lógicos, entrevistas, grupos focais, estudos de caso, registo ou análise de incidentes importantes. Você pode também ter a capacidade de rever os relatórios existentes, actas, e registos de presença ou declarações financeiras como fonte de monitoria e avaliação de dados (meios de verificação). Estas ferramentas ajudam a recolher dados dos indicadores.

Dependendo de uso que se pretende dar à informação você pode decidir sobre a colecta de dados quantitativos (*quantos*) ou qualitativos (*descritivos, p.e., o que as pessoas sabem ou acreditam sobre algo, como as pessoas sentem sobre algo, porque e como as coisas são feitas e o que elas são*) ou mais provavelmente uma mistura dos dois seria mais significativa. O projecto precisa também de decidir em que medida será significativa a participação do proprietário, do beneficiário e parceiros no processo de M&A.

### 12.3.2 Desenvolvendo indicadores

Os indicadores medem sinais tangíveis de que algo precisa ser feito ou ser alcançado, frequentemente indicando o progresso feito na obtenção de um resultado ou no alcance de um objectivo. Os indicadores da adopção de BDPA numa comunidade podem incluir: número de agregados familiares que produzem ou obtêm BDPA ou outros tipos de BDPA; área de cultivo de BDPA; vendas e ofertas a outros de material de plantação de BDPA; venda e/ou distribuição de raízes de BDPA. Os indicadores de desenvolvimento de capacidade em BDPA podem incluir: número de produtores ou formadores capacitados em vários aspectos da BDPA; número de extensionistas treinados em BDPA. Os indicadores de consumo de BDPA e de consciencialização nutricional podem incluir: frequência de consumo de BDPA/OFSP e outros alimentos ricos em vitamina A em crianças pequenas; entendimento dos benefícios nutricionais da BDPA; níveis de consumo de vitamina A, níveis de deficiência de vitamina A.

Dependendo de quais indicadores seu projecto de batata-doce pretende concentrar a sua atenção, as ferramentas de monitoria podem ser desenvolvidas para recolher e rastrear os dados sobre os seus indicadores focais.

Muitos formulários de monitoria já existem para a batata-doce, na Secção 12.5 vai encontrar exemplos de monitoria dos seguintes aspectos:

A ferramenta 12.5.1 é para monitoria da disseminação de materiais de plantação de batata-doce de um processo de multiplicação em massa

[http://sweetpotatoknowledge.org/projects-initiatives/reaching-agents-of-change-rac/rac-tot-course-forms/Form\\_12.5.1\\_sheet1-2\\_Mass\\_Dissemination\\_Data\\_Collection\\_Sheet.xls/view](http://sweetpotatoknowledge.org/projects-initiatives/reaching-agents-of-change-rac/rac-tot-course-forms/Form_12.5.1_sheet1-2_Mass_Dissemination_Data_Collection_Sheet.xls/view)

A ferramenta 12.5.2 é para a monitoria da disseminação do material de plantação usando o sistema de senhas (Formulário A), e inclui detalhes de quem recebe as senhas do material de plantação, e das visitas de seguimento para verificar se os materiais de plantação foram plantados (Formulário B) e se houve dispersão posterior dos materiais de plantação para outras machambas/agregados familiares (Formulário C).

[http://sweetpotatoknowledge.org/projects-initiatives/reaching-agents-of-change-rac/rac-tot-course-forms/Form\\_12.5.2\\_A\\_B\\_and\\_C\\_Monitoring\\_PM\\_dissemination\\_using\\_VOUCHER\\_systems.xls/view](http://sweetpotatoknowledge.org/projects-initiatives/reaching-agents-of-change-rac/rac-tot-course-forms/Form_12.5.2_A_B_and_C_Monitoring_PM_dissemination_using_VOUCHER_systems.xls/view)

A ferramenta 12.5.3 é para monitoria do desempenho do material de plantação disseminado

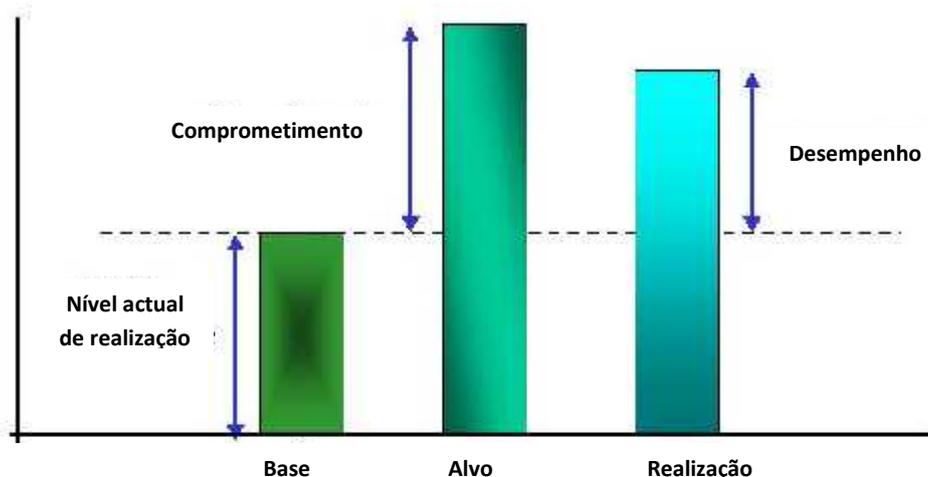
A ferramenta 12.5.4 é para monitoria do uso do material de plantação disseminado

A ferramenta 12.5.5 é para monitoria que quem recebeu capacitação sobre a batata-doce e o que planeiam fazer como resultado da mesma.

[http://sweetpotatoknowledge.org/projects-initiatives/reaching-agents-of-change-rac/rac-tot-course-forms/Forms\\_12.5.5a\\_b\\_c\\_M-E%20of%20TRAINERS\\_FARMER\\_RECIPIENTS\\_-\\_COURSE\\_EVALUATION\\_FORM.docx/view](http://sweetpotatoknowledge.org/projects-initiatives/reaching-agents-of-change-rac/rac-tot-course-forms/Forms_12.5.5a_b_c_M-E%20of%20TRAINERS_FARMER_RECIPIENTS_-_COURSE_EVALUATION_FORM.docx/view)

Nos indicadores pode-se encontrar detalhes sobre: Quem? Quantos? Com que frequência? No entanto, se você for a usar tais indicadores para medir a mudança precisa saber qual foi o ponto de partida no início do processo (dados de base). Um inquérito de base que no início do projecto recolhe dados relevantes da área ou grupos onde o projecto vai intervir assim como de uma área ou grupos onde o projecto não vai intervir (que podem ser usados como situação de controlo ou de comparação) vai permitir que você demonstre a mudança numa forma científica e fácil. Um exemplo dum formulário para inquérito de base antes ou no início dum projecto de promoção da OFSP é apresentado no apêndice 12 e está disponível em Excel no Portal de Conhecimento da Batata-doce, [http://sweetpotatoknowledge.org/projects-initiatives/reaching-agents-of-change-rac/rac-tot-course-forms/Appendix\\_12\\_Sweetpotato\\_Baseline\\_Data\\_Collection\\_Form.xls/view](http://sweetpotatoknowledge.org/projects-initiatives/reaching-agents-of-change-rac/rac-tot-course-forms/Appendix_12_Sweetpotato_Baseline_Data_Collection_Form.xls/view). Você poderá acrescentar ou adaptar este inquérito às suas necessidades. Quer a avaliação de médio prazo como a sumativa devem demonstrar a mudança comparada com os dados de base para os diferentes indicadores. Isto é ilustrado na Figura 12.2.

**Figura 12.2** Comparação da situação no momento do estudo de base, o alvo (comprometimento), e a mudança alcançada (desempenho) durante o período de tempo



É importante saber quanto vai custar recolher cada indicador. É melhor recolher bem os dados de poucos indicadores, do que recolher tudo e mal. É frequentemente recomendável se concentrar em poucos indicadores chave. No entanto, é preciso reconhecer que pode ocorrer mudanças nos indicadores como resultado de outros factores, não apenas das actividades do projecto.

Durante as fases de planeamento é útil desenvolver uma *visão* que indique como gostaria que fossem/se apresentassem as áreas com problemas; o que lhe vai ajudar no desenvolvimento de indicadores de impacto, tais como níveis de consumo de Vitamina A. É também importante desenvolver uma *visão do processo* que indique como você quer que as coisas sejam alcançadas (o método). Este entendimento vai lhe ajudar a desenvolver indicadores do processo. Você também precisa de desenvolver os indicadores de eficiência e de eficácia. Por outras palavras, cada nível de resultados (resultados ou *outputs*, efeitos ou *outcomes*, impacto, ver a Figura 12.3) deve ter indicadores chave para monitorar o que é colocado no projecto, e o que acontece e o processo no qual os insumos e mudanças acontecem.

Se você tiver uma lista longa de indicadores vai precisar um exercício de priorização para escolher os seus indicadores chave finais. Assegure-se que os indicadores seleccionados: cobrem uma justa representação dos resultados, efeitos e impactos; cobrem todas as ligações casuais na lógica do seu projecto; não são mais que cerca de 12-20 indicadores no total.

**Figura 12.3** Diferentes aspectos de um modelo de lógica de um projecto que precisa monitoria e avaliação



### 12.3.3 Amostragem

Enquanto pensa sobre os indicadores e abordagem de monitoria e avaliação você também precisa decidir sobre como será feita a amostragem. A amostragem é um dos elementos mais importantes a considerar, independentemente da escolha do método que vai adoptar. Basicamente a amostragem vai ajudá-lo a decidir o quão confiante pode ser a generalização dos seus resultados para toda a população.

Se vai fazer um inquérito usando entrevistas individuais você precisa de pensar sobre como vai seleccionar os respondentes. Vai usar uma amostra aleatória de toda a comunidade, vai entrevistar toda a 10ª pessoa que encontrar ao longo do caminho/direcção pré definido dentro da comunidade, vai pedir ao governo local para fazer a selecção aleatória de casas para entrevistas, você tem uma lista das famílias de onde podes fazer a selecção aleatória dos agregados familiares?

Deve pensar nos recursos ao seu dispor para fazeres o inquérito, como você vai cobrir o máximo de entrevistas possíveis dum grupo representativo dos beneficiários? Estas decisões serão influenciadas pelo tamanho do questionário, desenho de amostragem, o número de inquiridores, transporte, e o seu orçamento.

Se você for realizar discussões em grupos focais com uma lista de verificação como guia, com grupos de 5-20 indivíduos conhecedores do assunto que você quer discutir, você vai ter de decidir se vai ter um grupo focal de mulheres e um grupo focal de homens em cada área de trabalho ou pode decidir usar diferentes grupos de acordo com a renda familiar ou idade como factor desagregador. Você precisa pensar sobre como assegurar que os participantes do grupo focal são o mais possível representativos da comunidade. Você vai escolher aldeias que são de fácil acesso (amostragem de conveniência) ou aqueles que você pensa que beneficiaram por longo tempo do projecto (amostragem propositada)? Como você vai assegurar que os participantes são representativos da aldeia e não apenas pessoas que vivem mais perto do escritório do governo local, etc.?

Cada projecto é diferente e portanto a amostragem vai ser afectada pelas metas do seu projecto específico, o que você quer monitorar e avaliar, o intervalo desde que o projecto iniciou, e os recursos do seu projecto.

Há muitas excelentes referências sobre desenho dos levantamentos/inquéritos (ver as referências no final deste tópico) que o podem ajudar. Observe que a amostragem é muito importante para estabelecer uma boa avaliação, e para maior parte dos estudos é um inteligente investimento do seu tempo consultar um estatístico para assegurar que a sua estratégia de amostragem e tamanho da amostra são adequados.

## 12.4 Como avaliar um projecto de batata-doce

As avaliações dos empreendimentos da batata-doce podem variar de iniciativas simples e rápidas a mais complexas e rigorosas. O objectivo imediato da iniciativa, o momento, o nível de habilidades do pessoal chave de M&A e nível de financiamento são alguns dos factores a considerar na escolha do método de avaliação a adoptar.

O desenho da(s) avaliação(ões) deve ser idealmente delineado desde o início do projecto no plano de M&A.

As questões chave de avaliação podem ser identificadas, e o inquérito de base deve ser desenhado para assegurar que inclui dados sobre as variáveis que correspondem aos efeitos e impactos chave, o método do inquérito de base e a equipe que o vai fazer devem ser desenvolvidos e esclarecidos e deve incluir dados segregados por sexo. Os inquéritos individuais ou ao agregado são frequentemente fontes valiosas de dados para um inquérito de base, e podem ser repetidos durante

ou na conclusão do projecto. Um exemplo de um inquérito de base que foi usado por vários projectos de batata-doce é fornecido no Anexo 12.

Em adição à repetição dos inquéritos individuais ou ao agregado familiar, outras ferramentas de avaliação podem ser desenvolvidas e incorporadas. Podem ser realizadas auditorias ao projecto por vários intervenientes, e verificações ao acaso e avaliações da qualidade dos dados.

As oportunidades para as avaliações dos efeitos e impactos (de médio prazo e sumativas) e as datas aproximadas para a sua realização devem ser identificadas cedo no projecto. Também é útil saber se vai haver uma avaliação após a implementação do projecto para examinar os efeitos de longo prazo do projecto.

Os métodos mais comuns usados na avaliação incluem: inquérito apreciativo, métodos baseados em histórias excepto a técnica de Mudança Mais Significativa, (MMS ou MSC, que corresponde a *Most Significant Change*) mapeamento dos efeitos, técnica da Mudança Mais Significativa (MMS), métodos participativos de avaliação, ensaios randomizados de controlo (ERC ou RCT, que corresponde a *Randomised Control Trials*) e análise dos intervenientes ou partes interessadas.

A maior parte destes métodos requer um certo nível de experiência técnica. A escolha do método vai depender de factores como o seu objectivo imediato, o momento, o seu nível de habilidades e os recursos que possui. Dependendo do uso pretendido da informação você pode decidir sobre a recolha ou colecta de dados quantitativos (*o quanto*) ou qualitativos (*descritivos, como p.e., o que as pessoas sabem ou acreditam sobre algum assunto, como as pessoas se sentem sobre alguma coisa, porque as coisas são feitas de uma ou de outra forma*), ou mais provavelmente uma mistura dos dois será mais significativa. O projecto também precisa de decidir sobre em que medida significativa o beneficiário e o parceiro vão participar e assumir propriedade no processo de MeA do projecto.

O desenvolvimento e selecção de indicadores, e a discussão sobre a amostragem são apresentados nas secções 12.3.2 e 12.3.3 deste tópico, e são relevantes quer para a monitoria como para a avaliação.

## 12.5 Ferramentas e exemplos da monitoria da disseminação e consumo da batata-doce

Alguns exemplos de formulários para colecta de dados desenvolvidos pelos projectos de promoção da batata-doce de polpa alaranjada são apresentados abaixo.

São dados dois exemplos sobre a monitoria dos processos de disseminação do material de plantação, o primeiro foi desenhado para a disseminação do material de plantação dos processos de multiplicação em massa centralizados (veja 12.5.1), o segundo formulário foi desenvolvido para o uso de senhas para ajudar na monitoria da disseminação (formulário 12.5.2 A) e subsequente plantação dos materiais de plantio (formulário 12.5.2. B) e a posterior difusão dos materiais de plantio (formulário 12.5.2. C) de cada multiplicador de ramos descentralizado (veja a secção 12.5.2). Estes formulários estão disponíveis no formato Excel no Portal de Conhecimento da Batata-doce <http://sweetpotatoknowledge.org/projects-initiatives/reaching-agents-of-change-rac/rac-tot-course-forms>

Você vai notar que nestes formulários, existe um espaço para escrever a informação e caixas para codificar a informação. Estes dois tipos de informação ajudam a verificar se não houve erros na codificação. Com a informação codificada, torna-se fácil entrar e analisar os dados. Um programa para entrada de dados que é útil e de livre aquisição na Internet é o programa CSPro do Departamento de Censo Dos Estados Unidos através do site <http://www.census.gov/population/international/software/cspro/>

O programa é concebido para inquéritos e permite uma fácil entrada de dados em duplicado, o que elimina erros de escrita. As designações e os dados podem depois serem exportados para os pacotes estatísticos comuns como SPSS, SAS, ou STATA ou como ficheiros ASCII.

Também é importante monitorar o desempenho (veja a secção 12.5.3), e os usos dos materiais de plantio disseminados (veja a secção 12.5.4).

Adicionalmente, quando se dá uma capacitação, é importante registar quem recebeu a capacitação, o género do participante, e a quem estes treinaram em seguida e que mudanças ocorreram como resultado da capacitação (veja a secção 12.5.5). Estes formulários estão disponíveis no formato Excel no Portal de Conhecimento da Batata-doce <http://sweetpotatoknowledge.org/projects-initiatives/reaching-agents-of-change-rac/rac-tot-course-forms>

### 12.5.1 A disseminação do material de plantação dos processos de multiplicação em massa

#### FOLHA DE PLANEAMENTO 1. DISSEMINAÇÃO DA MULTIPLICAÇÃO EM MASSA DO MATERIAL DE PLANTAÇÃO

Id da Folha

(NOTA: ESTA FOLHA DEVE SER PREENCHIDA NO LOCAL DE FORNECIMENTO (PARCELA DE MULTIPLICAÇÃO EM MASA))

Nome do local de multiplicação em massa \_\_\_\_\_ Código

Distrito \_\_\_\_\_ Código   Vila \_\_\_\_\_

Latitude		Longitude		Altitude (Metros)
Graus	Minutos	Graus	Minutos	
<input type="text"/>				

Localização (Leitura GPS )

Primeiro Nome	Ultimo Nome	Código	Designação	Código	Assinatura	DD	MM	Ano
<input type="text"/>								

Trabalhadores inspeccionando o local

Data da colheita   /   /

Dia de Disseminação   /   /

	Polista	Ukerewe	Ejumula	Kabode	Jewel	Total
Número de sacos colhidos	<input type="text"/>					
Número estimado de mudas/sacos	<input type="text"/>					

Vila	Código	Vila	Código	Vila	Código
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Número alvo de HH a ser alcançado	<input type="text"/>				

Nomes de trabalhadores envolvidos na Coordenação da Colheita, Empacotamento e Entrega		Código	Designação	Código	Assinatura	DD	MM	Ano
primeiro nome	Último nome	<input type="text"/>						
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

**FOLHA DE PLANEAMENTO 2. DISSEMINAÇÃO DA MULTIPLICAÇÃO EM MASSA DO MATERIAL DE PLANTAÇÃO**

Id da Folha

(Nota: Esta folha deve ser preenchida no local da disseminação)

Parceiro(a) (PI) \_\_\_\_\_

Código

Distrito \_\_\_\_\_

Código

Tutela \_\_\_\_\_

Código

Vila \_\_\_\_\_

Código

Data de entrega (DD/MM/Ano)  
  /   /

No de estacas / Sacos entregue

Polista	Ukerewe	Ejumula	Kabode	Jewel	Total
<input type="text"/>					

Dia da Disseminação (DD/MM/Ano)  
  /   /

Nome da autoridade local present no ponto de	Nome do trabalhador chave envolvido na disseminação	Código	Assinatura
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

No	Primeiro Nome	Outros nomes	Último Nome	Idade (anos)	Sexo 1-M 2-F	HH com abaixo de 0-Não 1-Sim	Vila (Se diferente do que está abaixo)	Código	No de estacas recebidas					
									Polista	Ukerewe	Ejumula	Kabode	Jewel	Assinatura
1														
2														
3														
4														
5														
6														
7														
8														
9														
10														
11														
12														
13														
14														
15														





C. DISTRIBUIÇÕES POSTERIORES DA SEMENTE DA BDPA

Distrito: \_\_\_\_\_ Divisão: \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_

Sub-local/tutela: \_\_\_\_\_

Extensionista: \_\_\_\_\_ Ano:     Mês:

Data da Visita		Nome da Pessoa Visitada		Sexo	Vila	Cobertura						Famílias receptoras indirectas				Telephone No.					
Dia	Mês	Primeiro	Apelido	1-F 2-M	Nome	Mês de levantamento das sementes	Tipo da terra	Data de planeamento			Observação (código abaixo)	Área estimada em metros			Alguma família já levantou sementes contigo? N/S	Se sim, quantas	Nome e nº do telefone da família beneficiária indirecta 1	Nome e nº de telefone da família beneficiária indirecta 2	Name and telephone No. of indirect beneficiary Household 3	of person visited	
								1-planalto	2-planície	3-terraceado		4-irregular	5-regular	Comprimento							Largura

- Observação Nome da variedade: 1- kakamega 2- Kiegea 3-Mataya 4-Amelia 5-Melinda 6-Irene 7-Bela 8-Namanga 9-Gloria 10-Tio Joe
- 1-Não plantada, nenhuma cultura no quintal
  - 2-Bom, bew cuidada, livre de pestes e doenças
  - 3-Razoável, modestamente cuidada, com alguns problemas de pestes e doenças
  - 4-Mal, não capinada e com sérios problemas de pestes e doenças
  - 5-Outras coisas, descreve
  - 9-Não capaz de observar

Outros comentários das visitas:

### 12.5.3 Monitorando o desempenho do material de plantação disseminado

Se deseja colher dados sobre o desempenho dos materiais de plantio disseminados nos campos dos produtores, é aconselhável decidir onde vai colher estes dados logo no início da campanha agrícola pois os produtores colhem a batata-doce aos poucos de acordo com as suas necessidades e isto pode levar a subestimação do rendimento da batata-doce.

No Uganda, para estimação dos rendimentos dos materiais de plantio, os produtores foram seleccionados de forma aleatória numa lista de produtores que receberam as ramas. Os produtores seleccionados foram pedidos para plantar as suas variedades em campos separados. A variedade local foi semeada na mesma altura em que se semeou a BDPA.

Na altura da avaliação foi feito o seguinte:

- encontre o centro de cada parcela (variedade) estimada visualmente.
- ande 3-4 passos em diferentes direcções para colher 5 camalhões para a amostra.
- colha dados sobre o armazenamento das raízes, ramas e o peso da biomassa; os danos dos gorgulhos nas raízes também são registados.

### 12.5.4 Monitorando o uso do material de plantação disseminado

Os projectos de promoção da BDPA podem ser diferentes no que respeita os seus objectivos específicos. Contudo, é muito provável que muitos destes projectos estejam interessados em saber sobre o uso imediato e sobre a continuidade do uso dos materiais de plantio da BDPA disseminados pelo projecto. Algumas áreas típicas de interesse incluem:

- Se a BDPA é incluída na alimentação das crianças e se for, de que maneiras, formas e quantidades isto é feito? Que tipo de retro-alimentação têm as famílias que usam estas práticas? Terão os centros de saúde notado algumas mudanças que se devem ao consumo da BDPA ou associados ao conhecimento nutricional e alimentação melhorada das crianças? Será que as famílias que usam BDPA na alimentação das crianças têm alguma necessidade importante em termos de conhecimentos ou outras necessidades?
- De que maneiras esta sendo usada a BDPA pelos agregados familiares que cultivam a BDPA? Qual destas maneiras eles acham que vão continuar a usar ou aumentar o seu uso, e porquê? Quais os modos de uso as famílias vão continuar a praticar e porquê?
- Qual é a aceitação dos tubérculos da BDPA pelos consumidores que compram estes tubérculos? Que tipo de retro-alimentação têm os consumidores e os vendedores dos tubérculos da BDPA? Que tipo de necessidades de conhecimento ou outras necessidades têm os consumidores e os vendedores dos tubérculos da BDPA?

Os formulários dos questionários (semelhantes aos apresentados nas secções 12.5.1 e 12.5.2) ou guiões ou listas de verificação para ser usados em discussões de grupos focais ou estudos de caso podem ser desenvolvidos para aprender sobre o uso dos materiais de plantio disseminados. É provável que a monitoria deste aspecto seja repetida depois de diferentes intervalos de tempo para compreender os desenvolvimentos no uso da BDPA a medida que o conhecimento sobre a BDPA vai-se difundindo.

### 12.5.5 Monitorando quem recebeu a capacitação sobre a batata-doce e o que planeiam fazer com o que aprenderam

É bem conhecido que a adopção de novas culturas e variedades pode ser melhorada se a disseminação dos materiais de plantio for acompanhada de capacitação sobre todos os aspectos do cultivo da cultura assim como o seu processamento, utilização e comercialização (*marketing*).

Embora logo no início da capacitação, as expectativas dos participantes sejam geralmente discutidas, usando o exercício de chuva de ideias, para assegurar que os participantes e facilitadores tenham um entendimento comum do que vai ser feito e aprendido durante o curso, a avaliação, sobre se estas expectativas foram ou não satisfeitas, é feita no fim do curso. Contudo, pode também ser útil no final do curso pedir aos participantes que digam o que eles pensam que irá acontecer dentro de 1 ou 5 anos, etc., como resultado da capacitação que eles receberam e para ambos documentar e usar isto durante os exercícios de seguimento, monitoria e avaliação.

Para documentar e compreender a capacitação que ocorreu e o seu impacto e as partes que requerem mais ênfase, é preciso colher e registar dados sobre todos estes aspectos.

Para tornar mais eficiente o processo de monitoria sobre o que foi a capacitação e como esta ocorreu, pode-se estabelecer um sistema para assegurar que o pagamento dos formadores seja feito apenas depois da entrega dos relatórios de capacitação e cópias de material de capacitação com boa qualidade aos gestores do curso. Os formulários a seguir apresentam sugestões do que poderia ser registado e monitorado acerca dos formadores que estão a ser capacitados (formulário 12.5.5a), e os produtores a quem estes formadores vão subsequentemente capacitar (formulário 12.5.5b).

O relatório de capacitação deve capturar pelo menos os seguintes aspectos:

- quem participou na capacitação (nome, idade, género, local de residência, local de origem, categoria de renda, método de selecção de participantes)
- quando é que a capacitação ocorreu e como isto relaciona-se com o calendário agrícola local
- que tópicos foram cobertos na capacitação (isto deve incluir uma versão do um último programa do curso, as notas dos facilitadores, e quaisquer apontamentos distribuídos durante o curso)
- o que os participantes acharam da capacitação (e.g. um sumário da avaliação da capacitação pelos participantes, cópias dos formulários da avaliação do curso)
- sugestões para a melhoria da capacitação no futuro (e.g. o que funcionou bem e o que não funcionou bem, em relação aos conteúdos, participantes, tempo, organização e outros factores)

Para além disso, muitos cursos de capacitação incluem uma pequena sessão para os participantes avaliarem a capacitação, no final do curso. O formulário (formulário 12.5.5c) apresentado abaixo é um formulário típico para avaliação de um curso de capacitação. O formulário pode ser anónimo, mas o facilitador deve assegurar que todos os participantes o preencheram e entregaram. Note que o formulário inclui algumas questões que os participantes devem explicar e apresentar razões das suas respostas, e outras onde eles apenas têm que assinalar um valor de acordo com a pontuação. A combinação destas duas técnicas é útil para ajudar os participantes a envolverem-se com o formulário e providenciar aos facilitadores com a informação qualitativa sobre as experiências dos participantes, e não permitir que os participantes apenas assinalem as respostas sem pensar sobre elas. A informação quantitativa pode ser útil para saber sobre a percentagem de respondentes que acharam que o curso foi bastante relevante etc. Contudo, deve-se considerar que uma avaliação deste tipo, tipicamente avalia apenas a administração, conteúdos e organização do curso de capacitação e não os resultados de aprendizagem.

**Formulário 12.5.5a. Monitoria de FORMADORES capacitados pelo projecto**

Título do curso de capacitação:				Local:				Tipicamente, quando é que se semeia a batata-doce aqui:					
Data do curso:				Duração (dias)				Nome e celular do facilitador:					
Detalhes sobre os participantes									Durante os próximos 12 meses quantos dos seguintes tipos de pessoas cada um dos participantes espera capacitar?				Assinatura
	Primeiro nome	Apelido	Sexo 1 = H 2 = M	Nome do empregador	Posição	Local do trabalho	Telefone celular contacto	E-mail	Extensionista	Pessoal de NGO/ CBO	Produtores	Outros (especificar)	
1													
2													
3													
4													
5													
6													
7													
8													
9													
10													
11													
12													
13													
14													
15													
16													
17													
18													
19													
20													
21													
22													
23													
24													

**Formulário 12.5.5b. Monitoria de PRODUTORES capacitados pelo projecto**

Título do curso de capacitação:				Local:				Tipicamente, quando é que se semeia a batata-doce aqui:				
Data do curso:				Duração (dias)				Nome e celular do facilitador:				
Detalhes sobre os participantes									Categoria de renda 1= muito pobre 2= pobre 3= médio 4=alto	Variação (intervalo) de idade das crianças	Área plantada com batata-doce (ha ou metros quadrados)	Assinatura
Primeiro nome	Apelido	Sexo 1 = H 2 = M	Ano de nascimento	Comunidade	Distrito	Telefone celular contacto	Nome do chefe da família					
1												
2												
3												
4												
5												
6												
7												
8												
9												
10												
11												
12												
13												
14												
15												
16												
17												
18												
19												
20												
21												
22												
23												
24												
25												

**Formulário 12.5.5c. Avaliação do curso de capacitação**

<b>“TUDO QUE VOCÊ SEMPRE QUIS SABER SOBRE A BATATA-DOCE” FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO CURSO DE CAPACITAÇÃO</b>						Data:
						Local:
<b>Questões</b>						
1. Quais são os aspectos da capacitação que você achou <b> muito úteis</b> ?						
2. Quais são os aspectos da capacitação que você achou <b> pouco úteis</b> ?						
3. Achou algum aspecto da capacitação que <b> não foi claro</b> ? Se sim, por favor explique qual foi esse aspecto.						
<i>Assinale o número que se aplica à sua situação</i>	1 Não/Nada/ Nenhum	2	3 Parcialmente /Médio	4	5 Muito/ Elevado	<b>Os seus comentários específicos sobre este aspecto</b>
4. Os <b> conhecimentos e habilidades </b> oferecidos nesta capacitação irão lhe ajudar na <b> produção, utilização, e comercialização da batata-doce</b> ?						
5. Qual é o <b> nível de compreensão </b> que você tem sobre os conteúdos do curso?						
6. A informação do curso foi relevante para os seus meios <b> de vida/sustento</b> ?						
7. O tempo alocado ao curso <b> foi suficiente</b> ?						
8. Como você avalia o <b> nível do conhecimento do facilitador sobre o tópico</b> ?						
9. Os facilitadores eram <b> claros e confiantes nas suas tarefas e apresentações</b> ?						
10. Você teve <b> oportunidades suficientes para praticar as habilidades </b> ao invés de apenas ouvir acerca delas ou assisti-las a serem demonstradas?						
11. Houve oportunidades suficientes para <b> fazer perguntas</b> ?						
12. Os facilitadores deram <b> respostas satisfatórias</b> ?						
13. <b> O tempo, duração e local </b> do curso eram convenientes?						
14. Numa escala de 1 (baixo) à 10 (alto), o quão confiante você está de que a capacitação vai-se transformar em: - <b> melhorias na produção da BDPA?</b> Por favor explique brevemente a sua resposta.						
- <b> aumento do processamento e utilização de BDPA?</b>						
- <b> aumento da comercialização de BDPA?</b>						
15. Como é que um curso de capacitação como este <b> pode ser melhorado</b> ?						
16. Algum <b> outro comentário</b> ?						

## 12.6 Aspectos de género e diversidade na M&A da batata-doce

Uma discussão mais profunda sobre os aspectos de género e diversidade em relação à batata-doce é apresentada no Tópico 11. No entanto, os assuntos chave de género e diversidade relevantes à M&A são discutidos a seguir.

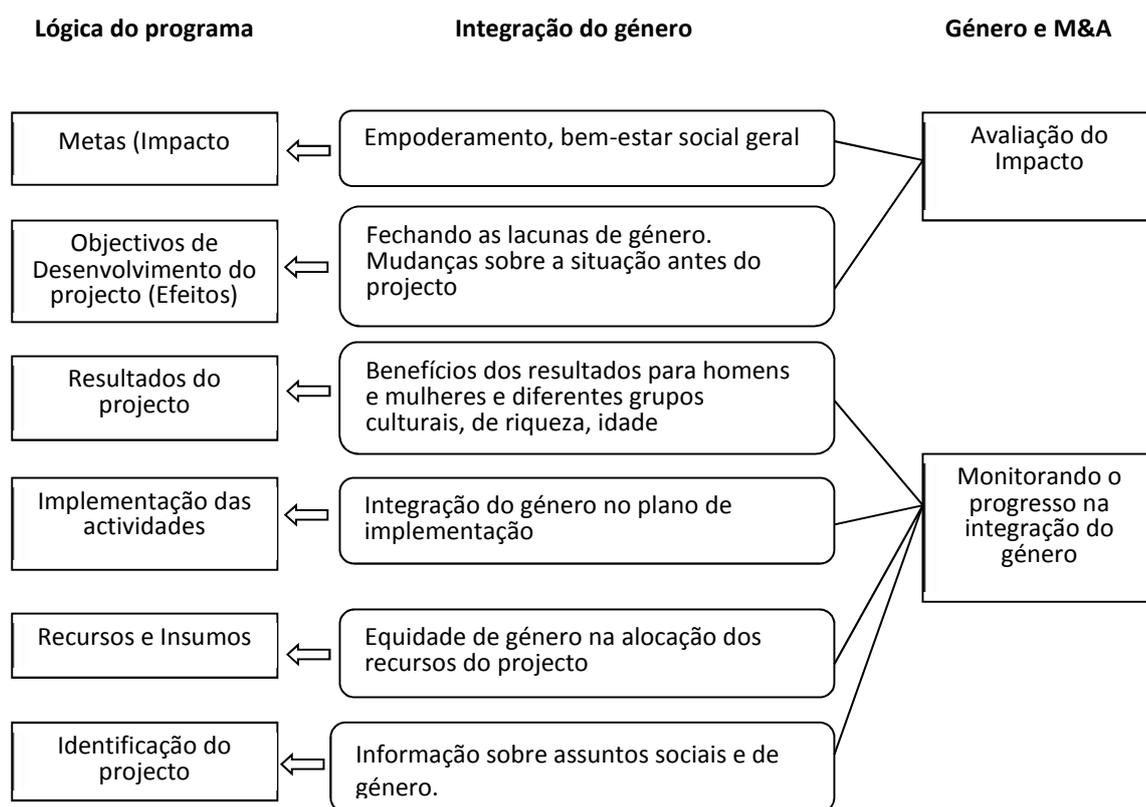


Homens e mulheres têm diferentes prioridades de desenvolvimento, necessidades e constrangimentos, e portanto são afectados de forma diferente pelos projectos, programas e políticas de desenvolvimento.

A recolha de informação de género desagregada em função do sexo ajuda a informar os gestores e outros intervenientes, quer a informação seja em benefício quer dos homens como das mulheres. Essa informação permite um refinamento apropriado do desenho do projecto para melhorar a eficiência geral do desenvolvimento, quando é identificado um impacto adverso em qualquer um dos sexos.

O interesse sobre os aspectos de género e diversidade nos efeitos e impactos do projecto precisa começar no início do projecto. A figura 12.4 mostra como o género pode ser integrado ao longo da lógica do projecto.

**Figura 12.4 Integrando género na lógica do projecto**



As questões de avaliação subsequentes podem ter o objectivo de entender:

- Em que medida a intervenção aumentou a participação das mulheres nas actividades económicas da batata-doce?
- Em que medida o projecto resolveu os constrangimentos enfrentados pelas mulheres?
- Em que medida a intervenção reduziu a incidência da deficiência de vitamina A em crianças com menos de 5 anos de idade (meninos e meninas)?

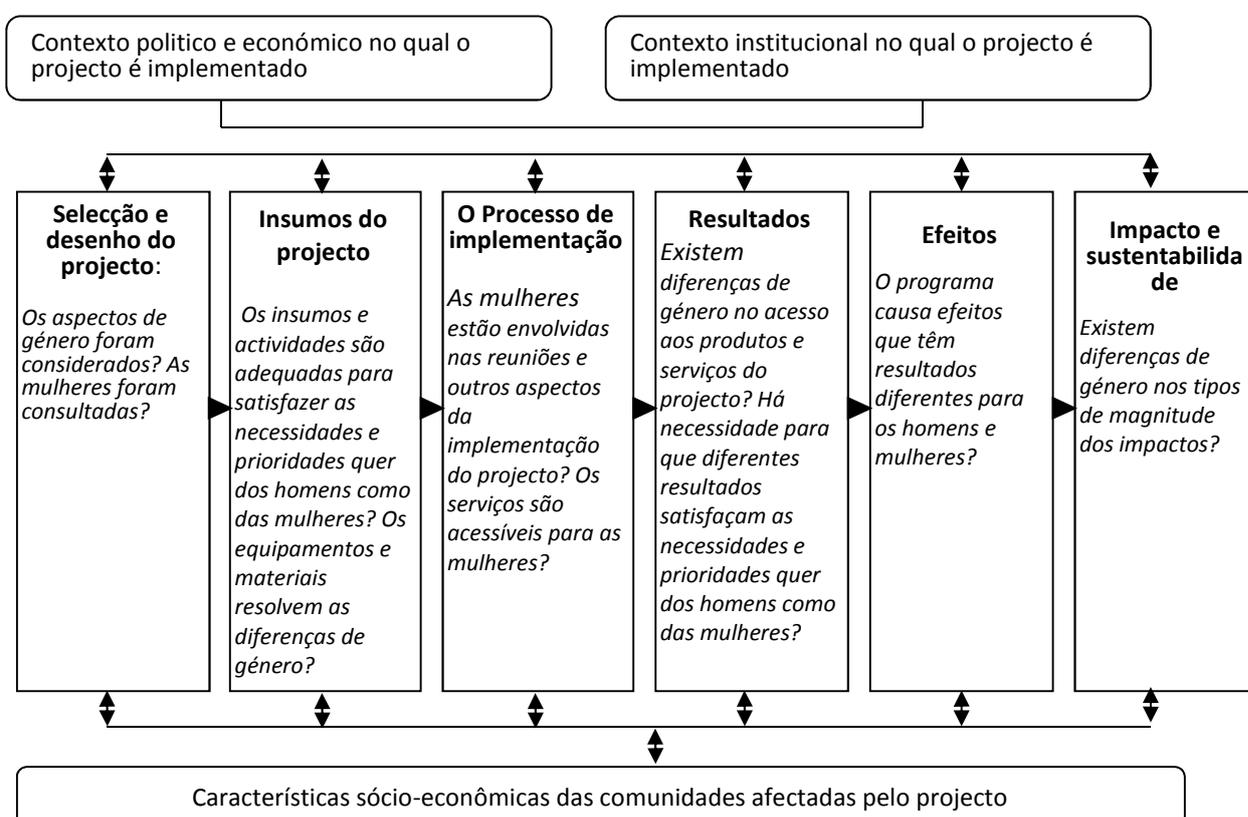
- Em que medida a intervenção aumentou a consciencialização sobre a importância do consumo de alimentos ricos em vitamina A pelas crianças e mulheres grávidas e a amamentar entre os cuidadores (aqueles que cuidam dos outros) e aqueles que os influenciam?
- Em que medida a intervenção influenciou as mudanças institucionais que apoiam o avanço das mulheres? Dê exemplos.
- Em que medida a intervenção ajudou a reduzir as disparidades de género e diversidade no sector de saúde e agricultura?

Os indicadores de M&A usados pelo projecto deve ser:

- Indicadores desagregados pelo sexo – p.e., um sinal que ajude a medir a mudança para homens e mulheres separadamente.
- Indicadores de género – p.e., um sinal que ajude a medir mudanças relacionadas com o género.

A análise de dados de M&A do projecto pode então envolver uma avaliação de género. Exemplos de perguntas que podem ser estudadas numa dessas análises são dados na Figura 12.5.

**Figura 12.5 Sugestões para análise de género de um projecto**



Alguns dos desafios de género mais comuns enfrentados na M&A incluem: a suposição de que os enquadramento da M&A são neutros em termos de género; inclusão não adequada dos aspectos de género durante o planeamento inicial do projecto; limitada consciencialização e capacitação sobre o género dos agentes da M&A; barreiras para a participação livre e aberta de respondentes mulheres devido à baixa representação das mulheres nas equipas que fazem as entrevistas de M&A.

## 12.7 Ideias para a Monitoria da Disseminação da Batata-Doce de Polpa Alaranjada Aprender-fazendo Actividades

Esta aprendizagem fazendo foi concebida para oferecer oportunidades práticas de aprendizagem baseada na descoberta. As actividades a seguir ocorrem no sétimo dia dos 10 dias do curso de capacitação TOT (veja o Tópico 13).

Dia	Tópicos	Resultados de Aprendizagem Pretendidos	Actividades
7	Planificação dum programa de disseminação de material de plantação	<p><i>Os participantes irão:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender todos os passos importantes e possíveis constrangimentos que podem emergir no planeamento uma multiplicação em massa ou de um exercício de disseminação com a abordagem MRDs/DVMs</li> <li>- Praticar a criação de um programa de disseminação para a sua área para alcançar 5000 agregados familiares</li> <li>- Compreender porque é importante monitorar e avaliar os projectos</li> <li>- Praticar a monitoria da disseminação de material de plantação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Apresentação 5b.</i> Princípios chave da multiplicação e disseminação do material de plantação. [30 min]</li> <li>- <i>Actividade 5.10.3: Planeando a sua estratégia de multiplicação e disseminação.</i> Exercício prático. [3 h]</li> <li>- <i>Discussão em grupo:</i> comparando diferentes estratégias para diferentes cenários. [20 min]</li> <li>- <i>Actividade 5.10.4: Trabalhando com MRDs/DVMs.</i> Exercício prático. [2.5 h]</li> <li>- <i>Apresentação 5c.</i> Custeando um plano de disseminação. [10 min]</li> <li>- <i>Apresentação 12.</i> Introduzindo a M&amp;A. [20 min]</li> <li>- <i>Actividade 12.7.1: Para onde foi?</i> Prática de monitoria da disseminação dos materiais de plantação. [45 min]</li> <li>- <i>Trabalho de casa:</i> Determinação dos custos da estratégia de disseminação.</li> </ul>

### 12.7.1 Para onde foi o material de plantação da batata-doce de polpa alaranjada que foi disseminado?

*Resultados pretendidos de aprendizagem:* Os participantes irão praticar a monitoria da disseminação dos materiais de plantio, compreendendo porque se monitora e se avalia

*Tempo:* 30 mins

*Materiais:* 200 senhas de materiais de plantio preenchidas com a informação requerida para a Tabela 12.2.2; 40 fotocópias do formulário 12.5.2, canetas.

*Preparação prévia:* Recolher ou preencher 200 *senhas* completas sobre o material de plantação

*Passos sugeridos:*

1. Esta actividade poderá ser realizada de várias maneiras, se o facilitador achar que será útil os participantes praticarem o preenchimento das senhas então cada grupo de 4 participantes poderá usar 5 minutos para completar as senhas. O facilitador pode então recolher todas as senhas e misturá-las, e depois cada grupo recebe 40 senhas para preencher com a informação requerida no formulário (12.5.2). Se os participantes não necessitarem de prática no preenchimento das senhas então o mesmo exercício pode ser feito usando senhas previamente preenchidas. [15 mins]
2. Pede aos grupos para trocarem os seus formulários e senhas com os outros grupos que vão fazer a verificação da informação preenchida. [5 mins]
3. Facilita uma discussão sobre a importância de monitorar a disseminação dos materiais de plantação; as dificuldades que tiveram enquanto preenchiam as senhas ou os formulários; os

erros identificados pelos grupos que fizeram a verificação dos formulários; e que melhorias poderiam sugerir. [10 mins]

4. Usando quer os formulários ou explicações da secção 12.5 do manual ou a *Apresentação 12a*, reveja brevemente as principais razões para usar a M&A nos projectos e depois discuta a necessidade de monitorar o desempenho e uso do material disseminado e recepção e uso da capacitação. [15 mins].

## 12.8 Referências bibliográficas

CIP (undated). Selection of data collection sheets for monitoring the dissemination of planting material through mass multiplication and through decentralised vine multipliers and voucher schemes, and baseline datasheet for sweetpotato projects.

Fowler, Floyd J. (1995). Improving Survey Questions: Design and Evaluation. Applied Social Science Research Methods Series. Vol. 38. Sage Publications, Thousand Oaks, California.

Hodges, R., Stathers, T., (2012). Training Manual for Improving Grain Postharvest Handling and Storage. World Food Programme, Rome. pp200.

Ross, K.N., (Ed.) (2005). Sample design for educational survey research. Module 3. *In*: Quantitative research methods in educational planning. UNESCO, France. pp 87.  
<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002145/214550E.pdf>

Shapiro, J., (undated). Monitoring and Evaluation. Civicus. pp. 51.  
<https://www.civicus.org/new/media/Monitoring%20and%20Evaluation.pdf>

UNDP, (2009). Handbook on planning, monitoring and evaluating for development results.  
<http://web.undp.org/evaluation/handbook/>

USAID, (2011). USAID evaluation policy. Washington, USAID

World Bank, (undated). Module 4: Monitoring and evaluation of gender dimensions.  
<http://info.worldbank.org/etools/docs/library/192862/Module4/ppts/PPTsforModuleIV.pdf>

Sources for agricultural survey design available at <http://aec.msu.edu/fs2/survey/index.htm>:

- [Training Manual on Sample Design for Surveys](#). Draft 2006. International Programs Center. (7.9 MB)
- [Data Preparation and Analysis](#). Margaret Beaver and Rick Bernsten. June 2009

*[Branco de propósito – não remova]*